



VERA CRUZ

Cidadania *digital* no Vera

DIÁLOGOS PARA A CONSTRUÇÃO DE
UMA COMUNIDADE ESCOLAR ÉTICA,
RESPONSÁVEL E CRIATIVA COM O USO
DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS



Sumário

- 3** Apresentação
- 5** *A diversidade de dimensões em torno da relação entre a tecnologia e a adolescência, **Kelli Angelini***
- 33** *Bem-estar de crianças e adolescentes na internet, **Rodrigo Nejm***
- 56** *Convivência ética na internet, **Thais Bozza***
- 87** *Menos eletrônicos, mais conversa, curiosidade e brincadeiras! Efeitos estruturantes na infância, **Julieta Jerusalinsky***

Apresentação

O papel das tecnologias digitais na educação vem sendo pensado e pesquisado no mundo todo. Fatos recentes reacenderam o debate, diante de eventos como a pandemia da covid-19 e a disseminação do uso de ferramentas de Inteligência Artificial como o Chat GPT.

A Escola Vera Cruz, movida pelo debate contemporâneo (o uso do celular na Escola; a segurança e o bem-estar de crianças e adolescentes; e as questões éticas de convivência nos ambientes virtuais), promoveu o ciclo “Cidadania Digital no Vera: diálogos para a construção de uma comunidade escolar ética, responsável e criativa com o uso das tecnologias digitais”, com a participação de especialistas e da comunidade escolar, a fim de construir e elaborar sentidos de uso e acordos de didáticos baseados no diálogo e em recentes pesquisas.

As rodas de conversa, promovidas em parceria com a Organização das Famílias da Escola Vera Cruz (OFS), foram iniciadas em agosto de 2022, quando recebemos especialistas que discutiram o tema a partir do contexto dos alunos do Ensino Fundamental (níveis 2 e 3). Kelli Angelini conversou com as equipes e famílias sobre a diversidade de dimensões em torno da relação entre a tecnologia e a adolescência; e com Rodrigo Nejm conversamos sobre o bem-estar de crianças e adolescentes na internet. Contamos ainda com a

presença de Dora Kaufmann, para um diálogo que pretendeu desmistificar os algoritmos. Encerramos o ano com a participação de Thais Bozza, em um rico debate sobre convivência ética na internet. Em 2023, voltamos ao tema, agora focados nas etapas da Escola da Infância, que contempla a Educação Infantil e o Fundamental nível 1, com a presença de Julieta Jerusalinsky, numa conversa sobre os efeitos estruturantes dos eletrônicos na infância.

Reunimos, aqui, os textos transcritos de quatro das cinco palestras dos últimos dois anos. Com isso, tornamos disponíveis à comunidade as importantes reflexões promovidas naquelas oportunidades, por meio dos encontros, e agora, de textos.

O desafio de pensar em conjunto sobre o uso das tecnologias digitais na Escola e os impactos na vida dos alunos continua a nortear nosso projeto pedagógico.

Boa leitura!

Escola Vera Cruz

18 de agosto de 2022

A diversidade de dimensões em torno da relação entre a tecnologia e a adolescência

Kelli Angelini é advogada atuante na área de Direito Digital e Educação Digital. É idealizadora do Projeto Internet com Responsa, do grupo BR, coordenadora do GT digital da Comissão dos Direitos da Criança e do Adolescente, da OAB de São Paulo, e autora do perfil Meus Filhos na Net, do Instagram.

Kelli O Vera é uma das primeiras escolas que me chamam não para dar uma palestra, mas para chamar a comunidade escolar para debater, e isso é rico demais. É um momento de troca, de conversar, ouvir, saber como vocês veem os estudantes no uso das tecnologias. E de eu poder falar um pouco, aqui, das minhas experiências também. Porque sou mãe. Tenho filhos de fases diferentes, de 8, 11 e 18 anos, todas as fases possíveis e imagináveis do uso de tecnologias, principalmente depois da pandemia, uma mudança significativa.

Mas de onde veio essa minha conexão com o trabalho que faço hoje? Sou advogada. Desde 2002, trabalho com Direito Digital. Me formei e fui logo trabalhar com ações judiciais relacionadas ao uso de internet, que nada tinham a ver com crianças e adolescentes. Porém, no decorrer do gerenciamento do departamento jurídico onde eu trabalhava, em determinado momento, eu já era mãe, meus filhos eram pequenos, começaram a surgir ações judiciais e inquéritos civis envolvendo crianças e adolescentes vítimas de *cyber*-predadores no uso da internet. Aquilo, começou a chamar muita atenção e despertou meu interesse. Tudo o que eu enfrentava no poder judiciário, entre adultos, agora estava envolvendo crianças e adolescentes, em volume cada vez maior. Foi quando surgiu o projeto “Internet com Resposta”, que veio para despertar o interesse e instruir pais, educadores, crianças e adolescentes para o uso seguro, consciente e responsável da internet. A partir desse momento, comecei a adotar iniciativas, projetos, guias e palestras em escolas, uma aprendizagem sensacional, porque falo com crianças a partir do 5º ano, adolescentes até o Ensino Médio, com pais, além de curso de capacitação de educadores. **Há uma troca muito grande para que a gente possa se instruir, adaptar e ver qual a melhor forma para o uso da tecnologia.**

Tecnicamente, o que a internet é hoje? Ela é a conexão de milhares e milhares de computadores, ligados a uma mesma rede. A internet vem desde a década de 1960, mas o uso que fazemos, hoje, é recente. Na prática, podemos dizer que a internet é uma fonte de conhecimento; aliás, acho que nunca tivemos tanto conteúdo, tantas formas de comunicação e conhecimento como temos hoje, devido ao uso da internet. E é, sem sombra de dúvidas, uma ferramenta de muitas oportunidades. Portanto, colocar nossos filhos numa bolha, sem acesso às tecnologias, é cercear uma série de oportunidades. Mas temos que refletir um pouco sobre o uso que queremos para nós e nossos filhos.

A internet é uma rua pública, como gosto de dizer, para crianças e adolescentes. Toda vez que estamos online, que nossos filhos estão usando a internet, é como se eles estivessem soltos na rua. É exatamente isso. Gosto muito que os pais imaginem ver os filhos em uma avenida, porque é praticamente isso que é o uso na internet, hoje. Quando nossos filhos saem à rua, tomamos vários cuidados: não falar com estranhos, olhar para os dois lados para não ser atropelado por um carro. A internet é justamente isso. Exige acompanhamento, mediação, instrução, regras, uma série de coisas. O uso da internet reflete tudo que há de bom e de ruim que a gente tem hoje na nossa sociedade. Tim Berners-Lee, considerado o pai da internet no mundo, fala muito que a internet é o espelho da sociedade, e que não adianta você quebrar o espelho e pensar que vai resolver todos os problemas que há hoje na sociedade.

Em um universo dentre 30 milhões de crianças e adolescentes que temos hoje, menores de 16 anos, 93% são usuários de internet. É um número gigante, muito expressivo, por isso, a importância deste momento de refle-

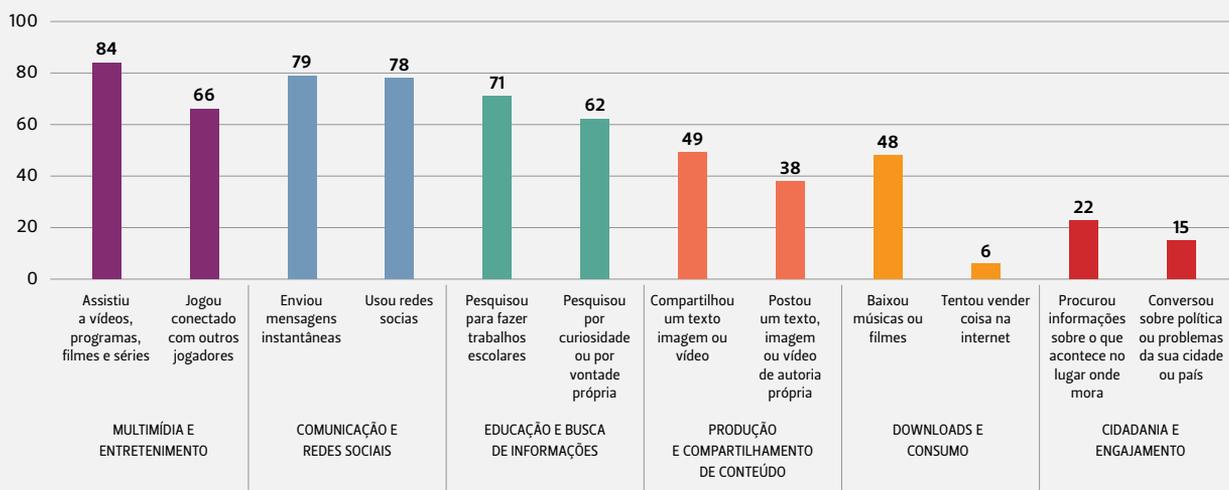
xão, de pararmos para pensar sobre o uso das tecnologias por crianças e adolescentes. O que me chama atenção nisso é o uso intensivo de redes sociais. O que me preocupa é que a rede social foi feita para interações entre adultos, não tem filtros para crianças e adolescentes. Não podemos esquecer o que está por trás de uma rede social: algoritmos que entregam aquilo que entendem que é para você — e para crianças e adolescentes consumidoras de redes sociais. Às vezes, os algoritmos entregam mais daquilo que vocês têm interesse, muitas vezes pelo simples fato de vocês prenderem três segundos da sua atenção na frente de uma tela. E isso pode representar conteúdo não apropriado para uma criança ou adolescente. Às vezes, não é apropriado para idade alguma.

Outra questão são os jogos online. Sem sombra de dúvidas temos muita coisa produtiva, jogos utilizados com fins educacionais. O pessoal do Vera pode falar quantos aplicativos, quantas plataformas são usadas com fins educativos para potencializar a educação. Inclusive, temos jogos utilizados para questões específicas, com crianças com TDAH, com dislexia, uma série de coisas, mas também como diversão. Mas há, também, o consumo de jogos que não são adequados, não destinados a uma faixa etária, que estimulam práticas inapropriadas. E tudo isso ligado a um fator muito importante: saúde e bem-estar. Diante do uso das tecnologias, não podemos nos esquecer da importância da saúde e bem-estar dos nossos filhos ao consumirem a internet.

Esta pesquisa mostra um pouquinho do que crianças e adolescentes fazem online. Eles mostram que fazem uso legítimo, porque, muitas vezes, a gente vê coisas inapropriadas saindo na mídia e esquece que tem o uso positivo. Eles declaram que assistiram a vídeos, pesquisaram para trabalhos

Atividades realizadas na internet

Total de usuários de internet de 9 a 17 anos (%) (2021)



Fonte: Cetic.br

escolares, falaram com familiares, buscaram informações. Ou seja, a pesquisa aponta o que eles fazem no dia a dia quando estão usando a internet. É muito importante a gente saber que não é só para diversão, que também é positivo, que não são só coisas fúteis, tem também um uso muito positivo.

Não tenho dúvidas de que o objetivo, hoje, é estimular a cidadania digital, que está inserida em um conceito de uso seguro, em um ambiente que gere segurança de diversas formas para quem usa a internet. Falo do uso responsável, que não é somente responder juridicamente pelas ações.

Vejo adolescentes sofrendo juridicamente por praticarem atos infracionais na internet. Pais tendo que colocar a mão no bolso para pagar indenizações,

uma série de consequências. A cidadania digital estimula a agir corretamente em sociedade, sendo um cidadão de direitos e deveres, inclusive na internet. Estimula, também, a consciência do tempo de uso, do consumo de conteúdos adequados. E os pais são modelos para os filhos, sem sombra de dúvidas. **Queremos proteger nossos filhos, mas direcionando para o uso positivo da internet.** Não acredito que a proibição seja o caminho, mas o estímulo, um direcionamento, uma mediação, para o uso positivo.

Aqui, a questão não é só sobre impor uma regra que depois todos devem cumprir, porque, muitas vezes, essas regras não atendem às necessidades desta comunidade escolar. Por isso, é importante ouvi-los hoje. E me sinto extremamente grata por ouvir, e, juntos, entendermos melhor quais seriam essas regras, esses momentos de debate. Meu convite é para que a gente construa essa conversa, para que vocês participem efetivamente. Não tenham vergonha, falem, comentem, perguntem, tirem as dúvidas. Trago experiências de vivências em escolas, a partir do 5º ano. Antes da pandemia, esses bate-papos com crianças e adolescentes eram diferentes. Hoje, quando vou dar palestras para crianças do 5º e 6º ano, eles fazem perguntas que antes da pandemia era o 9º ano que fazia. Nas primeiras vezes, fiquei pensando: “Será que estou na turma errada?”. Me assustou. Tudo isso que aconteceu na pandemia, que, muitas vezes, a gente esquece, teve impacto.

Luiz O que você acha de uma criança estar trazendo questões que não eram trazidas antes?

Kelli Notei que adolescentes do 9º ano em diante se apropriavam de determinado conteúdo que hoje o 5º e 6º ano já estão se apropriando. Uma ante-

cipação efetiva. Vou dar só um exemplo. Antes da pandemia, os alunos de 9º ano me perguntavam, quando a gente estava falando sobre publicações de internet: “Ah, mas e se eu fizer uma publicação sobre VPN?”. É um dispositivo que, de certa forma, acaba camuflando quem é que está efetivamente fazendo as publicações. Isso eu ouvia do 9º ano e Ensino Médio. Hoje, o 6º ano já me faz essa pergunta. De certa forma, eles já estão tendo acesso a conteúdos que não chegavam para essa idade — 11, 12 anos. É um cenário que a gente tem que saber lidar: mediação, instrução e tudo mais.

Claudia É a primeira vez, talvez, que converso sobre esse tema, com a perspectiva de uma mãe e advogada. Então, vou usar seu lado mais jurídico de suas experiências. Que tipo de ações ou infrações os adolescentes cometem que de fato são consideradas crimes? O que a gente entende hoje como uma infração mesmo?

Kelli Obrigada pela pergunta. O que eu posso lhe dizer é que, no Direito, adolescentes não cometem crime, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, cometem ato infracional. Então, toda vez que um adolescente comete um ato que na lei está previsto como crime, ele não vai preso, para uma prisão como adulto. O Estatuto da Criança e do Adolescente diz o que acontece quando há uma ação judicial na Vara da Infância e da Juventude. Mas acho que, para responder à sua pergunta, posso falar sobre outro aspecto. **Essa questão da prática infracional gera uma série de consequências, mas o que mais vejo acontecendo no dia a dia são atos praticados por crianças e adolescentes que, muitas vezes, são cometidos por falta de conhecimento**, que acabam afetando o próximo, gerando dor e sofrimento no colega da sala de aula, no amigo, que acabam deixando de lado esses valores

tão importantes que a gente tem em sociedade, que são o respeito, a empatia, a tolerância.

O WhatsApp, por exemplo. O simples ato de você xingar ou ofender um amigo no WhatsApp é uma forma de agressão, uma forma de humilhação. Muitos adolescentes, hoje, estão com essa mania de criar figurinhas com a imagem de um amigo para fazer uma trolagem, uma zoeira. Isso pode parecer uma brincadeira entre eles, e é difícil entendermos até que ponto eles estão gostando ou não. Muitas vezes, eles estão lá, rindo juntos, mas isso pode estar gerando sofrimento em quem está sendo alvo daquela figurinha. Muitas vezes, eles fazem os memes, filmam o amigo, compartilham no grupo da escola, e aquilo gera um impacto gigantesco para a pessoa que está sendo alvo daquela imagem. E quando conversamos com os pré-adolescentes e adolescentes, falamos justamente dos impactos de tudo isso, observando como aquilo está afetando a vida de seus colegas e quais são as consequências jurídicas.

Saindo um pouco do WhatsApp e indo para as redes sociais. O que tenho observado no pós-pandemia é que eles se desentendem em sala de aula, não conseguem lidar com esse desentendimento e, em vez de procurarem um professor, de resolverem com o colega, vão para a internet extravasar. E, aí, criam um perfil com o nome desse amigo, dessa amiga, para xingar, ofender, falar mal, ganhar seguidores, no sentido de extravasarem aquele sentimento que foi gerado pela divergência, muitas vezes, em sala de aula. Tem, também, a questão do *cyberbullying*, de enviar mensagens repetitivas para causar algum sofrimento naquela pessoa. Tudo isso acontecendo com pré-adolescentes e adolescentes, seres em desenvolvimento, que não têm noção dessas consequências, nem do que causam no outro, dos

impactos jurídicos, impactos no futuro, porque isso também deixa rastros digitais. Eles também não entendem que isso vai gerar um impacto para eles daqui a pouco, no primeiro emprego, no primeiro estágio, no ingresso na universidade.

Vou contar um caso que foi bem emblemático, que aconteceu há algum tempo, mas que gerou um impacto muito grande e tem acontecido com bastante frequência. Um meme “Já acabou, Jéssica?”. Duas garotas estavam brigando na porta da escola e um amigo da escola decidiu gravar, porque elas estavam se agredindo fisicamente, e divulgou nos grupos de WhatsApp e na rede social. Em poucos dias, o vídeo teve milhares de visualizações e acabou gerando um impacto muito grande na vida das garotas, porque, na escola, elas eram motivo de chacota. A cidade em que elas moravam não era tão grande, e elas não conseguiam nem sair na rua. A mãe, de tanto desespero, mudou de cidade, a filha teve que fazer um tratamento psicológico em outra cidade; recentemente, ela veio falar como aquela ação impensada do amigo impactou a vida dela. Ela perdeu três anos escolares. Isso porque houve uma filmagem de uma situação superconstrangedora. E o garoto sofreu a aplicação de medidas pelo ato infracional que praticou, os pais foram condenados a pagar uma indenização, e ele não sabia. Foi uma questão de desconhecimento. Se tivesse recebido instrução, não seria dessa forma.

Muito vazamento de *nudes*. Acontece, muitas vezes, da confiança das garotas nos garotos, os namorados. “Ah, manda o *nude* como prova de amor.” A garota acaba mandando, o garoto promete que não vai mandar para ninguém, mas manda para os amigos e gera uma série de consequências, a exposição da intimidade, até a chantagem de amigos com a garota. “Então, se você não fizer tal coisa, eu divulgo seu *nude*.” Ou seja, atos assim que acontecem com

frequência. Inclusive, há escolas que me chamam para dar consultoria para tentar resolver casos nesse sentido, porque impactam não só os envolvidos, mas toda a comunidade escolar. O caso de *cyberbullying*, por exemplo, não afeta só infrator e vítima, o desconforto é geral. Quantos alunos que veem aquilo acontecendo em sala de aula e, depois, na internet, ou vice-versa, não acabam sofrendo porque têm medo de serem a próxima vítima?

Luiz Você coloca uma série de pontos relacionados a essas questões de infração e crime, mas acho que eu, como pai, e todos aqui estamos vivendo uma outra situação, que não diz respeito, necessariamente, a infrações ou a coisas ruins, ou a visitas a sites inapropriados, mas à maneira como os nossos filhos acabaram mudando a forma de se relacionar e às consequências que isso terá nas vidas deles. O metaverso está aí. As relações sociais dos nossos filhos mudaram. Pode ter cinco pessoas ao lado deles, e eles estão falando no celular, não com o outro, mais próximo, mas mesmo assim estão se comunicando. Vejo minha filha: quando chega em casa, não quer ficar comigo, com a minha esposa e com a minha outra filha na sala, ela quer ir para o quarto ficar no celular, trocando ideia. E eu acho que não está infringindo nada, mas criando uma nova maneira de se relacionar e acho que é um ponto importante para ser colocado nesta discussão. Quais as consequências disso para os relacionamentos das pessoas?

Kelli Luiz, achei interessantíssimo esse seu comentário, e é algo que observo bastante, principalmente dentro de casa, que é o lugar que mais acompanho fora da escola. E acho que podemos refletir juntos sobre essa questão, porque não dá para negar que estamos em uma nova realidade. **Somos a primeira geração de pais de filhos que nasceram conectados. Não temos**

precedentes, nossos pais não tiveram a vivência que temos hoje, isso é fato. Essa história não está escrita e, talvez daqui a algumas décadas, a gente venha fazer alguns ajustes. Mas essa mudança de comportamento vem acontecendo mesmo. Acho que faz parte chegar em casa, ficar um pouco nas telas e ter essa comunicação entre amigos pelo celular, até saindo da escola, fazer trabalhos escolares por aplicativos, interagindo de outras formas, jogando online. Mas a gente não pode se esquecer da importância das relações sociais. **Há os momentos de uso de tecnologias, mas há a valorização do relacionamento familiar, do relacionamento presencial entre amigos, do respeito ao próximo em relação às pessoas.**

Muitas vezes, saio com meus filhos, e a gente vai a determinados lugares. Se eu deixar, a primeira coisa que eles fazem é pegar o celular. Porque não querem esperar. “Eu não quero ficar aqui te esperando.” E eu não gosto desse julgamento: “Foi em tal lugar e estava sempre no celular”. Sei da rotina dos meus filhos, então, em determinado momento, pode, e em determinado momento, não. O que não pode é estar no lugar e deixar de interagir naquela situação. Falar bom-dia para o porteiro, falar com a recepcionista. Vai para a consulta médica, vai ficar do meu lado, para ficar mexendo no celular e não falar de fatos, de si próprio? Acho que a gente tem que se impor como pais e mães e falar: “Agora, não. Agora, vamos interagir aqui”.

Por exemplo, as refeições em família. Estamos jantando, então vamos criar a regra de ninguém mexer no celular? Nem pai, nem filho, nem ninguém? E privilegiar a conversa. “Ah, mas no almoço não dá”, mas no jantar dá. Tudo bem, cada família sabe sua dosagem. Mas a minha visão é que a gente tem que saber nortear os nossos filhos para ter boas relações presenciais, além das relações digitais deles. É um desabafo, uma reflexão, aqui, com vocês.

[Mãe] Nós, como pais, adultos, temos que impor limites com o digital, cada um da sua forma. Mas, com certeza, eles não sabem, não têm noção de como é estar em uma avenida solto por aí. Tem um exemplo clássico que uso em casa. Quando vou buscar meus dois filhos em algum lugar, a primeira coisa que fazem é pegar o celular. Eu não sou motorista de Uber, não sou motorista de nada. Falei: “Estou aqui para conversar com vocês, quero saber como foi. Podemos até ficar mudos, mas ninguém vai ficar no celular”. Um pequeno exemplo de que a gente tem que se fazer presente e mostrar que também tem regras para o uso do celular

Kelli Obrigada pela sua colaboração. **A gente não pode esquecer que a internet e, principalmente, as redes sociais nos prendem como adultos.** Não tenho dúvidas de que, se eu perguntar para vocês, quem já passou mais tempo na frente do celular, nas redes sociais, mais do que achou que ficaria, a maioria vai erguer a mão. Porque nos prende. As redes sociais entregam mais do mesmo. Se nós nos prendemos muitas vezes ali sem desejar, imaginem como é para seres em desenvolvimento, que não têm maturidade formada, não têm noção de consciência de tempo de uso, de conteúdos apropriados. Costumo falar que a maturidade, a cabeça madura, somos nós frente a nossos filhos. Não pode ser diferente.

Daniel Queria só comentar algo que pode ser acrescentado aos dados que levantamos com nossos alunos do 6º e 7º ano. São alunos com 11 a 13 anos. A gente tem um dado indicando que 85 a 90% dos alunos nessa faixa etária têm um smartphone só seu, que não dividem com mais ninguém. E essa é a percepção deles, não é um dado absoluto, mas que eles nos contam. Eles também contam que as famílias não controlam o uso desse celular, do

WhatsApp, das redes sociais etc. Claro, pode ser que isso aconteça, e eles não saibam, é o que eles declaram. Na sua experiência, esse controle é bem-vindo, não é? É algo que as famílias sabem fazer, em sua experiência no geral? Você tem falado muito da palavra instrução. Não sei se, de alguma forma, você entende que tem uma carência mesmo de, talvez, divulgarmos melhor as ferramentas e aplicativos de controle parental em algumas situações. E, aí, vou acrescentar também a camada da idade, porque tem essa questão dos 13 anos na legislação. Se tem essa lei, por que alunos com 11 anos têm perfil nas redes sociais?

Kelli Sobre as ferramentas de controle parental, o que a gente tem hoje? Só temos aplicativos espíões que replicam tudo no celular como se fosse uma duplicidade. Temos o controle parental dos aplicativos em redes sociais. O Youtube tem o modo restrito, o Instagram tem o controle parental, também a Netflix e o Prime, que é uma forma de você conter um pouco esse acesso não apropriado. O que vem acontecendo na prática é que os pais não têm conhecimento dessas ferramentas. Quando se cria um perfil, não há essa instrução para pais e para quem está criando esse perfil.

Na minha visão, o uso de ferramentas de controle parental ajuda demais os pais nesse acompanhamento. Porque, vamos ser sinceros, é muito diferente da nossa época, que tinha a televisão na sala e o pai, a mãe, a avó passavam toda hora para saber o que a gente estava consumindo. Hoje, eles têm o próprio celular, e nem é saudável você ficar ali o tempo todo do lado do filho. Não é possível, nem é saudável. Então, essa ferramenta ajuda muito. E tem família que fala: “Ah, então, me indica o software espião para que eu possa ver tudo”. Vai de cada família. O que eu falo: é preciso ter uma conversa em casa, e não estar em software espião sem contar para os filhos. Porque isso

é para proteção dos filhos, não é para espionar. **Tem que ter uma conversa, um diálogo, pois o controle parental ajuda muito nessa questão de acompanhamento, mas isso não descarta a importância das conversas em casa, de levar os assuntos, escutar os filhos.**

Tem uma coisa riquíssima que é você lançar o assunto e deixar o filho falar. Isso acontece muito em palestra, e, do 5º ao 8º ano, eles falam demais. Fico sabendo de tudo. Do 9º em diante, são um pouquinho mais difíceis. Essa escuta é muito importante. As ferramentas de controle parental eu considero muito importantes, e a dosagem vai de cada família. Tem família que quer ver tudo, tem família que quer colocar alguns bloqueios, para conter algumas coisas. E acho que isso é de cada família mesmo, mas tem que ter aquele diálogo aberto, mostrar que isso é proteção é fundamental.

Esse acompanhamento dos pais vem muito das diretrizes, de usar ferramentas apropriadas, de conversar muito. No perfil do Instagram, trago assuntos para se conversar no dia a dia, para ser uma conversa positiva, para não ser toda hora aquela bronca. Chega uma hora que eles não querem mais ouvir, porque toda vez que se fala de internet é para levar bronca: “Ah, você fez alguma coisa de errado!”; “Por que você não sai do celular?”; “Você vai ficar burro”; “Larga essa tela...”. A gente afasta nossos filhos quando faz isso. Então, precisamos criar uma conexão, e, para isso, precisamos escutar, saber do que eles gostam, acompanhar, conversar. Essas ferramentas são fundamentais.

Agora, vem a questão da idade. É riquíssimo tocar nesse assunto. A maior parte das redes sociais estabelece essa idade: 13 anos. É comprovado que a maturidade do cérebro está formada. E, aí, pode consumir qualquer tipo de conteúdo? Óbvio que não. Tem nada a ver com isso. Essa idade está fixada

porque a maioria dessas empresas são americanas e lá tem uma lei que diz que dados pessoais só podem ser tratados a partir dos 13 anos. Então, não tem nada a ver com maturidade, com poder ter acesso a esses tipos de conteúdo das redes sociais, mas passa essa sensação de que, aos 13 anos, está ok, ótimo. Muitas vezes, os adolescentes já vêm: “Ah... 13 anos. Agora, eu posso”. E, muito antes dos 13 anos, eles já têm acesso. Então, o que posso dizer para vocês é que os 13 anos são um referencial, mas de uma lei que fala sobre o tratamento de dados pessoais; não tem nada a ver com o fato de os filhos estarem aptos a consumirem conteúdos de redes sociais sem que isso impacte o desenvolvimento deles. É muito importante ter essa reflexão, porque são conteúdos sem filtro, que podem trazer muitos benefícios, mas também pode causar grandes prejuízos.

Fernando Meu nome é Fernando. Sou professor de Tecnologia de crianças de 8 a 10 anos. E queria trazer uma visão de dentro da sala de aula. Acho que, nessa praça, nessa rua em que elas estão sozinhas, eu não concordo muito que elas não saibam [o que se passa]. Acho que os avós, e muitos são colocados nessa praça pública, é que são atropelados. Porque a gente faz umas aulas de segurança digital, por exemplo, e uma delas é perguntar sobre casos, e a gente faz um jogo sobre segurança digital. Quem sabe mais dicas, ganha mais pontos. Os maiores casos são sobre avós ou pais mais idosos caindo em golpes.

O que eu queria perguntar e destacar é que, quando uma criança fala com uma criança, é muito importante. E, quando um adulto fala com uma criança, não é a mesma coisa. Então, a gente tenta fazer como se fosse um clubinho de troca de seguranças. Porque se é lançado um jogo novo, que a gente não conhece, eles sabem quando alguém está hackeando, ou “pegando burla”, uma expressão muito popular agora. Todo ano eu aprendo uma coisa nova.

A minha pergunta é se você conhece alguma ferramenta, organização, ou clubinho que seja espaço de trocas entre crianças, porque um dos objetivos das aulas de Tecnologia é que elas troquem informações e se fortaleçam. E a gente não vai conseguir alcançar o jogo do momento, que chega para a gente meses depois. Nossa preocupação diária é isso, mas principalmente dar voz às crianças. Você falou muito bem de os pais ouvirem as histórias intermináveis de jogos de fantasia. Mas como a gente pode fazê-las falar dessa responsabilidade sem ser profissional?

Kelli Fernando, fico até pensando aqui. Mas não vejo muitas iniciativas para crianças, não tem. E eu percebo que ainda há um incômodo muito grande em tratar desses temas relacionados à criança. Já tem muita coisa para adolescente, mas pouco para crianças. Até em relação à produção de materiais. E as crianças estão bastante inseridas, como a gente viu na pesquisa. Inclusive creio que as próximas pesquisas já vão inserir crianças mais novas. O que está acontecendo bastante é dar voz ao jovem. Há diversas iniciativas, inclusive na produção de materiais e conteúdo. Por exemplo, a Escola de Governança da Internet para Jovens, em que a produção de conteúdo vai ser feita por jovens.

Esta semana tem um simpósio “Crianças e Adolescentes na Internet”, um evento que é realizado há sete anos para debater o uso de internet por crianças e adolescentes. Já tem um painel só de jovens. Há uma produção de materiais que conta com a colaboração de jovens, para falar a linguagem do jovem. Já tem jovens embaixadores, que vão ministrar conteúdo para outros jovens. Tem um programa que trata de empoderar jovens para distribuírem conteúdo para outros jovens sobre o uso positivo da internet. Mas, para crianças, ainda não há iniciativas nesse sentido. Até porque eu acho que há

uma dificuldade de a sociedade reconhecer que a criança já está ali, efetivamente inserida e sendo usuária da internet.

Wladimir Acho que há um consenso de que não adianta mesmo proibir o uso de internet, mas queria falar um pouco além desse uso da internet em casa, na rua, em locais públicos. Queria que comentasse um pouco sobre o uso do celular na escola, em sala de aula, levando em conta que muitas crianças não têm um celular, não porque não podem ter, mas porque os pais não permitem. Queria você comentasse isso, principalmente porque gerou um debate bem acalorado em uma reunião do 6º ano alguns meses atrás.

Daniel A sensação que tenho é que falamos muito sobre isso. No fundo, é parte das questões disparadoras de todo esse ciclo. Então, acho que é uma ótima oportunidade de a gente pensar no papel da escola nesse cenário também.

Kelli Na maioria das escolas públicas e privadas a gente tem essa virada de chave a partir do 6º ano. A maioria delas, a partir do 5º ano, não permite o uso de celular dentro da escola, mas, às vezes, já tem o aparelho tecnológico para seu uso na escola. E, a partir do 6º ano, já permite que se leve o dispositivo próprio para uso. E essa permissão tem foco no uso pedagógico. É primordial que se permita como uso pedagógico e que as crianças e adolescentes saibam disso.

O que vejo de muito importante nisso é a união da família e da escola para estimular as boas práticas de cidadania digital, cultura digital e letramento digital, porque isso não fica mais só dentro de casa. **O fato de você debater o**

uso de celular na escola é referência para essa criança e adolescente — tratar da existência de regras, objetivos, outras formas de utilização dessas ferramentas, de como usá-la em outro contexto. Tem um lado de muita aprendizagem e vivência com o uso do celular na escola. O debate tem sido geral, e tem havido, obviamente, opiniões diversas, muitas contribuições de pais, mas muitas questões que acontecem no uso de internet fora de casa, na própria escola.

Com o uso de celular, é essencial que a escola não deixe passar essas situações e ensine o grupo sobre um erro que foi cometido, sobre uma situação que aconteceu. Isso tem sido muito útil. E quando a gente faz essa conversa com adolescentes e pré-adolescentes, é muito interessante, porque, enquanto estou falando de um assunto, eles querem dar exemplo. E esse exemplo, dentro de um contexto escolar, ensina um monte, leva informação de boas práticas e de práticas não tão boas. E isso ajuda no estímulo ao uso positivo, a boas condutas, e, muitas vezes, escancara algo dentro de casa que os pais não ficam sabendo.

Vou dar um exemplo de uma escola aonde fui no final de junho, pouco antes das férias, para falar com crianças do 6º e 7º ano. Em determinado momento, uma menina levantou a mão, deu uma risadinha e disse: “Olha, eu e minha amiga, a gente acessa um aplicativo que é de relacionamento, em que você entra pra conversar com qualquer pessoa, mas não é relacionamento amoroso”. Então, se eu quero falar com uma pessoa dos Estados Unidos para conversar em inglês, existe isso. A idade indicada para isso é 18 anos, mas eles estavam acessando, mentindo a idade. E a garota confessou que, ao entrar nesse aplicativo, ela deparava com homens mostrando as partes íntimas e estavam interagindo com esses homens. No sentido que era muito

engraçado entre elas, era divertido, sem verem a consequência de interagir com uma pessoa que entra ali sabendo que tem uma criança do outro lado.

Já vem o alerta: “O que vamos fazer a partir desse relato que os pais em casa não estavam sabendo?”. O quanto ensinar, o quanto aprender, o quanto envolver os pais em relação a isso? Vejo tudo isso como muito positivo, é muito trabalhoso para a escola, para a família, mas é enriquecedor e reforça muito o que os pais fazem em casa e o que a escola faz dentro de seus muros.

Daniel Queria trazer mais alguns dados dessa pesquisa que fizemos aqui na Escola. Essa é a razão também deste ciclo. Acho que a gente tem muito a pensar, aprimorar e melhorar nesse sentido. Esses adolescentes de 6^o e 7^o ano, que responderam a essa pesquisa, especificaram onde e quando usam mais a internet ou esses dispositivos. E é muito impressionante o contraste do uso que eles fazem de manhã na Escola. Uma porcentagem minúscula. E as barras crescem muito quando a gente olha para os períodos da tarde, os períodos antes de deitar no quarto, isso também chama atenção. A gente sabe dessa hiperestimulação que os adolescentes vivem na internet, e como eles estão usando isso na cama, antes de deitar. Então, tem esses lugares, Wladimir, que são diferentes, na escola, em casa, família, que é tudo objeto de trabalho. Mas a gente tem tentado trabalhar nessa chave do uso.

Kelli Às vezes, eles são estimulados a algumas práticas que devem ser muito consideradas, inclusive no uso de internet, que reforçam aquele impulso, aquele lazer elevado pelos estímulos de seus pais, que, na escola, deve ser levado em consideração.

E essa questão da hora de dormir eu tenho debatido muito. A gente faz muitas conversas com alunos e pais, que vão muito ao encontro do que a gente discutiu aqui, que o sono é fundamental no desenvolvimento de crianças e adolescentes. A Sociedade Brasileira de Pediatria reforça muito isso. Eles têm até um guia que recomenda o tempo de uso para cada faixa etária. Eles falam: até 2 anos, zero de tela; de 2 a 5 anos, até uma hora por dia; de 6 a 10 anos, no máximo duas horas por dia; e, na adolescência, é preciso levar em consideração as oito horas de sono. Essa é a recomendação. Como mãe, se eu não estabelecer regras de uso do celular, meus filhos vão querer ficar até de madrugada. Sabe por quê? A justificativa é sempre a mesma: “Ah, mas todo mundo fica. Meus amigos ficam até meia-noite”. E, aí, o que acontece? Dorme-se pouco, no outro dia vai para a escola com sono, e isso, ao longo de um período, tem um impacto gigantesco na vida dessa criança e adolescente. Pode parecer pouco significativo, mas nossa atuação como pai e mãe é fundamental. Então, não deixar dormir com o celular do lado, não deixar ficar de madrugada com o celular.

Teve uma pesquisa, não me lembro a fonte, mas publiquei no Instagram, dizendo que eles entrevistaram um determinado número de adolescentes e 47% deles disseram que acordam de madrugada para ver as mensagens trocadas no grupo de WhatsApp. Ou seja, interrompem o sono para checar o WhatsApp de madrugada, para não perder alguma coisa. E é justamente nosso papel dizer que nesse momento não, porque, se deixarmos, eles querem mesmo e, depois, isso gera um impacto gigantesco.

Claudia Não sei se me perdi um pouco naquela sua colocação sobre ferramentas que estão sendo desenvolvidas por jovens. E onde a gente encontra boas práticas? Por exemplo, o Vera Cruz foi lá, pensou em fazer uma série de

seminários, deve ter feito umas buscas e chegou a Kelli. E devem ter chegado a outras pessoas, outros artigos, outros sites. Particularmente, acho que somos invadidos por pessoas, por empresas etc. que nem estudam aquele assunto, mas republicam, compartilham. Então, eu queria saber quais são boas fontes com pesquisa, com reflexão. O que você pode sugerir para a gente? Se eu fosse para um resort, eu ia entrar no site e ver a qualificação. E se eu quiser saber boas práticas, que sei que estamos construindo, onde encontro? Por onde vou começar?

Kelli O que eu posso dizer é que nós, como pais e mães, não podemos esquecer que, independentemente de nossas habilidades com a tecnologia, temos muito o que ensinar para nossos filhos. Tem coisas que eu não sei realmente, mas sei instruir meus filhos sobre o que é bom e ruim. Precisamos nos fortalecer em relação a isso, porque existem pais e mães com diferentes habilidades com as tecnologias, mas temos que deixar isso de lado e saber que a temos muito o que construir com nossos filhos, em relação à consciência, à segurança e à responsabilidade. **Posso não saber os detalhes do jogo do momento, posso não saber se é bom ou se é ruim, mas sei o que é bom para meus filhos no contexto geral.**

Como referência, você pode ver o *Link Br*, que tem um material riquíssimo no site. O site www.internetsegura.br tem um curso que dou para pais, que se chama “Filhos Conectados”. São videoaulas que tratam de vários assuntos, é gratuito também, tem vários materiais, cartilhas para adolescentes, para pais, educadores, e que, é óbvio, os pais têm que dedicar um tempo a isso. A *Sua Internet Brasil* tem cursos e muitos materiais para pais, educadores e jovens, sobre o bom uso das tecnologias; a Unicef também tem campanhas incríveis, muito boas mesmo, e são excelentes referenciais. E só

com essas referências vocês vão encontrar um calhamaço de materiais muito bons. O que eu tento fazer no dia a dia, para pais que não têm tempo, é publicar videozinhos, ou postagens curtas, para se apropriarem daquele conteúdo e já tentarem ter um direcionamento dentro de casa através desse canal.

[Mãe] Muitas vezes, a gente fala da vilã internet, dos jogos, e é difícil acompanhar, principalmente, joguinhos gratuitos que você baixa, desinstala um, já instala outro. Todas as vezes que eu tento argumentar: “Mas você tem que tomar cuidado, você preencheu o quê, e os dados, estão pegando nossos dados”. E, às vezes, nós mesmo sabemos, mas aceitamos *cookies* todos os dias em sites. Vejo que tenho que estudar para poder falar para eles o que está acontecendo. Porque eles minimizam tudo isso que a gente está falando. A gente fala para eles, e: “Ah, mãe, mas para você a internet é culpada de tudo. Na escola, se eu estou desatento, é culpa da internet, se eu estou mal-humorado, a culpa é da internet...”. Por um lado, acho que é esse uso excessivo. Acho que eles não percebem que a ansiedade, as coisas que eles usam, realmente adulteram o comportamento. Mas também existe o perigo real do uso de dados de acessos. Esses joguinhos online são perigosos mesmo? Que nível de preocupação a gente tem que ter para ir atrás e estudar e explicar a eles sobre isso?

Kelli A gente tem uma lei que data de 2017, com vigência a partir de 2018, a Lei Geral de Proteção de Privacidade e de Dados Pessoais. Que, justamente, visa garantir o direito à privacidade. Óbvio, essa lei veio quando a gente já tinha fornecido tudo. Então, o que podemos fazer com nossos filhos é estimular que eles tomem cuidado no sentido de que com jogos, por exemplo, aparece na tela: “Você permite acesso a todas as suas fotos?”. Nesse mo-

mento, me dá até palpitação. Porque imagina um aplicativo de uma empresa que não é brasileira e que processa todas as minhas fotos. Quão prejudicial pode ser? E o que eu faço com meus filhos? Então, vamos pensar o que são boas práticas e o que não são. Para estimular isso, a gente tem que começar com a gente. **Quando você baixar alguma coisa, preste atenção no que estão pedindo e pare de clicar automaticamente para aceitar tudo, porque você começa a chamar sua atenção e a estimular seus filhos.** O que eu faço com os meus filhos em relação a isso? Do meu celular, tenho alguns bloqueios no celular da minha filha de 12 anos. Então, baixar aplicativos ela não consegue sem a minha autorização, porque eu entendo que ela não tem maturidade suficiente para isso.

Em casa, como a gente estimula muito isso, vamos ver se é apropriado ou não. Se ela vem, me pede, “quero baixar”, tem que pesquisar antes e eu devolvo. “Qual é a classificação indicativa, do que trata e quais são as avaliações? E o que está pedindo para baixar?”. “Olha, mãe, é para 9 anos, as avaliações são de 4.8...”, e ela quer me convencer, né? E a gente vai debatendo. Tem coisa que pode, tem coisa que não. Semana passada, ela veio: “Mãe, queria baixar esse jogo, que todas as minhas amigas estão baixando”. “E qual a classificação indicativa?” “É 17 anos, mas não tem nada inapropriado”. Aí, eu fui lá no descritivo com ela. Você tem que parar aquele momento, porque no meio de toda aquela rotina de trabalho, de tanta coisa, precisa parar e falar: “Tá bom, tenho que priorizar esse momento”. Ou falar: “Agora não, depois a gente vai ver”, porque, no automático, você fala “sim”, e, depois, vão acontecendo essas coisas.

Aí, eu parei, comecei a ver, era uma simulação de vida. Começou ótima a descrição e, de repente, veio: “Você pode seguir o caminho do bem, pode

ter filhos... Ou você pode seguir o caminho do mal, ser um ladrão, um traficante, pode matar pessoa...”. E, aí, eu falei: “Não, filha, desculpa, não é para sua idade, o conteúdo que está aqui não é para sua idade. É para sua proteção”. Pronto, acabou. Ela ficou brava, mas, no dia seguinte, estava todo mundo feliz em casa. É a forma que eu encontro para estimular uma reflexão antes de baixar jogos. Claro que ela não tem noção ainda de que esse jogo não é apropriado. E muitos jogos, às vezes, têm interação com pessoas de verdade. Esses são jogos que os pais têm que saber o que tem ali, ficar de olho. A gente teve, no início deste ano, um volume grande de adolescentes que relataram que, durante o jogo, alguns adultos ajudavam as crianças para ir bem no jogo, e era uma quadrilha mesmo, que depois de ganhar a confiança das crianças, em determinado momento, ia lá naquele tom de tristeza: “Não vou poder jogar com você, minha mãe não pagou a internet aqui em casa, e, agora, não vamos poder jogar juntos. Quer me ajudar?” “Sim”. “Então me manda a foto do cartão de crédito dos seus pais, que aí eu pago.” Várias crianças caíram. Por quê? Porque são adultos se aproveitando da vulnerabilidade das crianças nessa situação para praticar o roubo. Então, é óbvio que a gente tem que estar mais atenta a essas interações, jogos que são online, e nosso papel é esse. Estar ali mediando e bloqueando aquilo que for inapropriado.

Fernando Claro que cada família tem a sua forma de conduzir a situação, ainda mais conforme sua construção ou históricos, mas eu pergunto se há algumas regras macro, gerais, legítimas, baseadas em pesquisas, por exemplo, idade mínima etc. Você falou um pouco sobre as redes sociais, o uso de telas, ou se há diferença de telas, por exemplo, a televisão, videogame etc. Existem algumas regras macro para se aplicar?

Kelli A Sociedade Brasileira de Pediatria publicou um novo artigo sobre o uso de telas; faz indicações por idade, recomendações sobre as questões de jogos e da importância de você não deixar seus filhos jogando e não fazer coisas importantes. A Sociedade Brasileira de Pediatria profere também uma série de recomendações ligadas a isso, mas não tem regras, não vai ter um regramento da internet sobre determinados assuntos. Tem sempre diretrizes, e cabe a cada um aplicar durante o dia a dia e acompanhar observando justamente a questão familiar, o contexto escolar e tudo mais. Os guias da Sociedade ajudam muito no direcionamento do que é recomendado, nos alertas dos prejuízos, no sentido da saúde e do bem-estar. Nesse sentido, dá para usar essas diretrizes, até para criar regras dentro de casa. O que eu recomendo muito os pais a fazerem são os combinados dentro de casa, a partir de qualquer idade. Vai dar um iPad, um celular, então vamos combinar as regras. **Não é o pai ou a mãe impor regras e fazerem os filhos cumprirem, porque aí é muito mais difícil. É colocar os filhos para participar.** E refletir com os filhos as questões do tempo. É muito engraçado que, quando você faz essa dinâmica de “Vamos ver quais são suas atividades diárias para ver o que sobra para o uso dos eletrônicos”, eles se apropriam do fato de que tem várias coisas para se fazer e não dá para ficar as 12 horas que desejariam no iPad, no celular. Porque, quando vamos fazer o combinado, eles ignoram o tempo de banho, o tempo de refeição, além do estudo. E a rotina é tudo que se tem para fazer, o tempo de escola, das atividades extras, para lição de casa, tempo de tomar banho, refeições e tudo mais. E quanto tempo sobra, qual a regra que a gente vai ter em casa? Durante a semana, final de semana, o local de uso. Então, vamos estabelecer que, na mesa, ninguém usa, nem pai nem mãe, no restaurante, ou outros lugares. Vai de cada um. Muitas mães que atendo dizem: “Vamos fazer por escrito, porque senão

amanhã eles esquecem”. Façam como se fosse um contratinho; a gente coloca em um lugar bem bonito da casa e, aí, depois de um tempo, revê essa regra. Mas é uma forma de dialogar em casa, dos pais também perceberem o quanto são modelos para os filhos. Isso tem funcionado bastante. É claro que há os descumprimentos, tem a questão de burlar a regra, mas os combinados ajudam bastante.

[Mãe] Queria lhe agradecer pela apresentação, ao Daniel pela iniciativa, pois acho que nós, pais, precisamos dessas instruções. Do mesmo jeito que os filhos não vieram com manual de instruções, a gente também não sabe lidar com essas questões de internet. Até porque, muitas vezes, pai e mãe pensam diferente, e, aí, uns filhos se ligam ao pai, outros à mãe, e eu acho que vale a gente pensar nessas diretrizes juntos, ler juntos, discutir juntos. Em relação aos horários de sono, os pais poderiam discutir com os filhos sobre não carregar o celular para o quarto, porque vai interromper o sono, porque é uma tentação. Porque, no dia seguinte, na escola, as crianças estão conversando sobre o que aconteceu de madrugada no WhatsApp e seu filho está excluído do grupo. Outra orientação é que celular, câmera e espelho não combinam. Porque as crianças podem fazer qualquer tipo de foto e divulgar. É o tipo de orientação simples que me ajudou muito. E acho que esse tipo de discussão podia acontecer mais, para ajudar a gente a pensar nossas práticas mesmo. E, aí, pedir para o Daniel fazer a pesquisa com o 8º e 9º ano.

Daniel Essa pesquisa já está no forno, logo vamos lançar. E queremos divulgá-la para vocês e para eles, para a gente reconhecer que o objetivo é ir conversando juntos, como você estava falando. Ver essas diretrizes como

subsídios. Não sou especialista na área, Kelli sabe infinitamente mais do que eu. Para a gente ir se nutrindo juntos e chegar em diretrizes comuns. Esse é o processo, a gente poder estudar juntos, conversar, ouvir as perguntas, as inquietações. Meu filho tinha 4 anos e nunca tinha assistido nada até a pandemia, e eu descobri que essa geração tem uma dificuldade de lidar com o intervalo. A gente assistia à televisão, chegava o intervalo, não tinha o que fazer, tinha que esperar. E eles, quando dá o intervalo, já estão reclamando que precisam encontrar outro desenho, é impressionante. Não sei se você quer fazer considerações a essa colocação.

Kelli Essa união de pais fortalece muito, porque sozinhos nós ficamos sem saber o que fazer, e isso não só no uso das tecnologias. É um desafio muito grande educar, criar os filhos enraizados nos valores da sociedade, respeito, empatia, tolerância, direito e deveres cidadãos e uso das tecnologias também. Então, essa união, esse debate, essa conversa são fundamentais. Muitas vezes, a situação desconfortável de um pode ser a de outro, e pode ser que outras famílias não estejam sabendo. Meu trabalho está muito fundamentado no que ouço de vocês. Esse encontro, para mim, se vocês acham que eu entreguei alguma coisa, eu ganhei. Porque essa troca — ouvi-los, saber o que vocês passam dentro de casa, entender a realidade de vocês e refletir — é enriquecedora, para que eu possa dar informações muito mais úteis.

A gente precisa se unir como pais, se fortalecer. Muitas vezes, a gente está enfraquecida para falar um “não”, e se todos se unissem para falar “não”, seguiríamos numa boa. O filho não se sentiria excluído. **Porque a gente não pode deixar de considerar que a vida no ambiente escolar, para esses jovens, implica querer ser aceito no grupo, participar, mas isso não significa que, como pais e mães, temos que liberar tudo para facilitar isso. Às vezes, um**

não é o melhor presente que seu filho pode receber. Às vezes, nem sempre. Mas a gente precisa se unir, se fortalecer, compartilhar bons conteúdos, buscar boas referências. Assim, a gente vai gradualmente lidando com essa instrução para os filhos, considerados nativos digitais, porque têm muita maturidade no uso dessas tecnologias, mas não têm maturidade e noção de autoproteção para o convívio no uso da internet. Estou muito satisfeita de participar deste primeiro ciclo, deste começo.

Daniel Queria agradecer, em nome do Vera e da OFS — e agradecer à OFS —, a todo mundo que esteve aqui com a gente esta noite.



29 de setembro de 2022

Bem-estar de crianças e adolescentes na internet

Rodrigo Nejm é diretor de Educação da SaferNet Brasil. Coordena programas de promoção do uso crítico e responsável da internet, formações de multiplicadores e o Safer Internet Day no Brasil, desde sua primeira edição nacional, em 2009. Também é doutor em psicologia, com estágio pós-doutoral na área de Interações Sociais nos Ambientes Digitais na pós-graduação em Psicologia da UFBA, e membro do Grupo de Pesquisa em Interações, Tecnologias e Sociedade (GITS/UFBA) e do grupo de especialistas das pesquisas TIC Kids Online e TIC Educação do CETIC.br/NIC.br.

Rodrigo Primeiramente, gostaria de parabenizar a iniciativa do Vera de manter essa pauta. A gente vem conversando há alguns anos sobre esse tema, e é muito legal ver esse esforço contínuo de pautar o tema da cidadania digital para além até da segurança digital. Especialmente hoje, a gente conversa sobre bem-estar no contexto digital e amplia um pouquinho o leque de discussões. Sei que as ações com os estudantes também são permanentes. É muito importante que a gente associe sempre a tecnologia a uma discussão mais ampla de cidadania, de bem-estar, saúde e melhor aproveitamento, para além do pedagógico. Porque a gente sabe que a tecnologia está dentro e fora da escola, em todos os lugares.

A SaferNet, para quem não conhece, é uma organização sem fins lucrativos, que trabalha, há 16 anos, com segurança e cidadania digital no Brasil. É uma organização técnica de especialistas na área do direito, da tecnologia e da psicologia. Sou da área da psicologia, e tenho cada vez mais pensando em como é importante conectar essa discussão do uso da internet com a noção de bem-estar e com essa prorrogação nas rotinas digitais.

Preparei um material, mais para fazer essa provocação inicial a vocês, para abrir um bom espaço para a gente poder aprofundar alguns tópicos que sejam do maior interesse de vocês, tá? Vou passar um pouco rápido, até pelas coisas que eu trouxe, para dar tempo suficiente para vocês sinalizarem aí os tópicos, e eu posso mostrar até algumas ilustrações, eu trouxe algumas pesquisas também, para que a gente possa conversar sobre elas em mais detalhes.

A gente usa tanto a internet durante o dia, em tantas situações diferentes, que a gente sabe que a forma como a gente assiste a uma live, reage a um conteúdo, seja um post ou qualquer outro tipo de conteúdo digital, tem muito a ver com a forma como a gente está se sentindo. É um pouco sobre essa brin-

cadeira que a gente vai falar hoje. Porque, quando a gente não reconhece nossos estados emocionais e está diante de um grupo de mensagens, assiste a um vídeo, comenta uma publicação, a gente sempre carrega nas palavras e nos cliques — literalmente, nossos dedos transmitem para o celular — muito da nossa carga emocional. E se para nós já é difícil identificar isso, imaginem para nossas crianças e adolescentes, que, cada vez mais, estão e vivem o online. Se eu perguntar a vocês, como a gente pergunta também para as crianças e adolescentes, o que é que eles fazem com a tecnologia digital, com a internet, eles vão listar mil coisas que vocês acompanham em casa, diariamente: Netflix, Youtube, TikTok, alguns têm Instagram, outros têm seus próprios canais, *Minecraft* e milhões de nomes de jogos, tudo isso online.

Mas, agora, vem a provocação: será que a gente sabe o que as tecnologias fazem com a gente? Porque, do que a gente faz com elas, a gente tem uma lista grande — vale para cada um de nós, como usuários também. Mas essa pergunta precisa ser feita cada vez mais em nossas conversas com as crianças, desde os primeiros acessos à internet, e, especialmente, aos adolescentes que estão muito presentes nela. Será que eles sabem refletir, com o devido cuidado e o devido discernimento, sobre o que essas tecnologias fazem com eles, com sua saúde mental, suas emoções, suas relações sociais, suas formas de ver o mundo? Não são perguntas tão triviais para nós nem para os nossos filhos.

Estou vivendo agora isso na prática com o pequeno de três anos, que já tem sua hora de tela por dia, e já é difícil gerenciar. Com os filhos adolescentes, a maior parte de vocês sabe que o desafio ganha outra escala. Então, a provocação é justamente pensar.

Nós, adultos, estamos criados, mas sempre aprendendo coisas durante nossa jornada, mas já com alguma maturidade, discernimento, capacidade crítica

desenvolvida para viver como adultos. Parem para pensar se vocês sabem dizer, e até medir, o quanto que o tempo digital ocupa sua rotina. Geralmente, as pessoas já acordam com um celular tocando o despertador, dão uma espiada em alguma mensagem, ou olham o próprio calendário, ou a previsão do tempo, e começam o dia com a tela. Ao longo do dia, posso dizer que centenas de vezes, a gente tem contato com telas digitais, e o digital está diluído em quase tudo que a gente faz durante o dia. E é tão diluído, que a gente tem até dificuldade de mensurar. Tentem parar e pensar: vocês sabem quantas vezes por dia vocês usam a internet ou o celular? Acho que não dá nem para contar. Ao mesmo tempo, a gente, além de não conseguir mensurar, também não tem muito tempo dedicado a descrever nossa rotina digital. Porque uma coisa é você olhar para o que você não tem de digital na sua rotina, quando você toma banho, come, dorme, se desloca, se dedica aos estudos, está em reunião. Se alguém lhes perguntar qual a sua rotina, vocês vão conseguir descrever. Mas, se eu perguntar qual a sua rotina digital, quais são, digamos assim, os principais marcos, de seus hábitos, seus comportamentos, quando você está conectado a alguma tela digital, é uma pergunta que parece até estranha. Porque a gente fica tão no piloto automático, que não tem conseguido muito perceber essa conexão intensa com o digital. É esse desafio que a gente tem tentado trabalhar numa das frentes da SaferNet, para sair do piloto automático. Nossas crianças e adolescentes estão super no piloto automático, como a gente também. A gente está o tempo todo online, fazendo, acontecendo, mas com poucos momentos de pausa, de reflexão crítica sobre o que se faz nas telas digitais.

Essa é a provocação que eu queria fazer, porque, definitivamente, tudo que a gente faz numa tela digital tem consequências muito materiais no nosso corpo, muito reais nas nossas emoções, na nossa forma de ver o mundo, de

processar informações, até do ponto de vista cognitivo mesmo, especialmente a nossas crianças e adolescentes em fase de maturação cerebral e de consolidação dos seus princípios de convivência social, dos seus grupos de pertencimento, das suas tribos. Tudo que a gente faz digitalmente é real, é concreto. Esse negócio de mundo real versus mundo digital não faz mais sentido, talvez nunca tenha feito, mas, agora mais do que nunca, é preciso entender que as consequências são as mesmas de outros espaços. Para algumas questões, até de saúde mental mesmo, dependendo da situação, o que acontece digitalmente é mais severo, porque a escala digital, às vezes, é muito maior e pode também trazer consequências muito mais danosas.

Nossas crianças e adolescentes são expostos, também na internet, a várias situações de perigo. E não é porque a internet é perigosa por natureza, mas ela é um ambiente que oferece muitos perigos, assim como uma praia ou outros espaços de convivência e passeio. Dependendo da idade, da capacidade crítica, do discernimento da criança, ela não estará apta a frequentar sozinha aquele ambiente. Isso vale para uma praia com onda, correnteza, buraco, tubarão, mas vale também para alguns tipos de jogos, de redes sociais que são feitas para maiores de 13 anos, vale para muitos conteúdos publicitários que não são éticos para crianças e são inclusive proibidos para crianças e, muitas vezes, estão diluídos em jogos, sites, conteúdos digitais. A internet tem essa complexidade de oferecer uma dimensão de conteúdo, de relações, muito grande, para além daquelas que são saudáveis e adequadas para crianças e adolescentes. Porque tem essa dimensão de praça pública gigantesca e para a qual, infelizmente, a gente ainda não tem muitos conteúdos, nem muitas plataformas criadas pensando em crianças e adolescentes. **O que a gente tem são crianças e adolescentes usando plataformas e acessando conteúdos que foram criados para adultos e por adultos.** Essa

discussão é longa, mas de fato é um problema que a gente tem que ajudar a resolver como sociedade, inclusive pressionando empresas a mudar um pouco suas condutas.

Dito isso, queria mergulhar um pouco na questão do bem-estar e usar uma metáfora que ajuda a gente a entender como os nossos filhos têm vivido essa era digital. Gosto de pensar numa dieta digital. Nossa rotina digital tem vários momentos nos quais a gente está consumindo coisas. Da mesma forma que a dieta, é preciso parar para pensar e refletir: será que eu sei do que é que eu tenho me alimentado digitalmente? Isso vale para conteúdos, mas vale também para relações que eu estabeleço com outras pessoas na internet. E quais relações estabeleço com as telas digitais; **muito além do tempo de tela, é pensar também quais são as reações emocionais que eu tenho diante de cada tipo de conteúdo.** E como percebo as particularidades de cada uma das plataformas e seu conteúdo. No celular, num aplicativo como o WhatsApp, você tem grupos do trabalho, grupos dos pais da escola, grupo de uns colegas da academia de malhação, grupo da família, dos amigos íntimos, daqueles colegas, dos amigos mais distantes. Você tem uma diversidade de grupos que representa diversidade de comportamentos que você tem com as pessoas no mundo. Vamos pensar que nossos adolescentes, nossas crianças, também têm um contato muito plural com pessoas e conteúdos na internet. Só que as reações emocionais que a gente tem diante de cada um deles é uma salada mista muito confusa. No grupo de trabalho, você fica tenso porque tem um prazo que você não cumpriu. Só que, dois segundos depois, você lê uma mensagem da sua mãe, da sua tia ou do seu próprio filho, uma mensagem amorosa, carinhosa, que leva você a outro universo emocional, a um contato afetivo, familiar. De repente, você recebe outra mensagem, de um relacionamento que não está bem, de uma briga, que

leva você para um outro lugar emocional. Dois segundos depois você volta para aquela conversa com seu chefe ou com seu funcionário, e você está de volta a outro lugar bem diferente.

Esses exemplos valem também para os nossos adolescentes, que ora estão conversando com vocês, ora conversando com os primos, ora conversando com um amigo da escola, ora conversando com alguém que joga online, que mora lá na Inglaterra e nunca viu, mas supõe que seja uma criança da idade deles, no maior papo íntimo ali. Isso tudo para dizer que a gente precisa parar para pensar como a gente tem digerido esse conteúdo todo, essas relações, esses contatos, nas nossas várias interações pela internet. E se para nós já é difícil equilibrar essa equação e entender isso tudo e os impactos na nossa saúde mental, para os nossos filhos é ainda mais desafiador.

Por isso é tão importante esse trabalho que a Escola tem feito, de forma constante, dentro da cidadania digital, de pensar no bem-estar, nas relações, numa educação socioemocional voltada para o digital. **Porque a gente precisa controlar um pouco melhor esse cardápio do ponto de vista do bem-estar quando a gente também está no digital. E nós, como família, precisamos entender um pouco melhor do que é que os filhos se alimentam digitalmente.** É muito importante que a gente participe mais da vida digital deles. Não só como fiscais de tela, não só como controladores de tempo online. Mas, mais do que isso, para conhecer e acompanhar a qualidade do contato, do conteúdo, das interações com outras pessoas e com as próprias telas.

A gente tem desenvolvido vários materiais, e um mais recente é o “A internet que a gente faz”, porque tem material para pensar a relação com os filhos, mas também as próprias relações, como adultos, com o digital. Nesse material, a gente tem tentado produzir essa discussão de uma maneira mais

suave, brincando inclusive com essas linguagens digitais. Será que nossos adolescentes estão acompanhando bem a forma como reagem às várias situações que eles vivem digitalmente? Será que eles compreendem que, às vezes, eles estão dormindo mal por causa do uso que fazem do digital antes de dormir? Será que eles entendem que estão superabalados ultimamente por conta de alguns problemas que viveram em suas redes sociais? Nem sempre a gente tem esse cuidado de olhar para essas relações emocionais diante do que a gente faz no digital. A gente tem trabalhado isso em várias dimensões.

A gente tem acompanhado nas pesquisas as implicações disso tudo na vida dos nossos adolescentes, das nossas crianças. Surgem muitos problemas de identificação com seu próprio corpo, por exemplo, dificuldade em reconhecer a própria imagem no espelho, porque os padrões de beleza que consomem nas redes sociais, especialmente, influenciam muito a forma como eles veem a si mesmos. Porque eles começam a incorporar esse padrão de vida perfeita, de modelo de corpo, um modelo de sucesso, até mesmo um modelo de família, idealizado nas redes sociais sem a devida cautela e a devida crítica, o devido olhar cuidadoso. Com os influenciadores, tem produção, tem estúdio, tem roteiro, tem patrocínio, tem propaganda velada, tem um monte de coisas da vida daquela pessoa que não está no Instagram, mas que acontecem também, como fracassos, frustrações, problemas que todo humano tem. Essa visão idealizada de uma vida e de um padrão de comportamento que é inalcançável, que não tem celebridade que tenha essa vida pura de sucesso, essa vida de pura alegria, pura bonança, pura prosperidade, isso não existe em lugar algum.

Todos nós temos dificuldades, momentos de que a gente não se orgulha, momentos de frustração, e saber lidar com isso é cada vez mais importante,

porque **a gente tem vivido esse mito da vida perfeita, essa ilusão que alguns pesquisadores chamam de “tirania da felicidade”, que tem arruinado a saúde mental dos nossos adolescentes e pré-adolescentes.** Porque, desde essa fase da vida, o desenvolvimento crucial da socialização, da sua identificação com os grupos, da composição das suas próprias identidades, você tem essa idealização a partir de algo inalcançável. E a gente gosta dessa metáfora, de comparar os seus bastidores com o palco dos outros, que é comparar o pior que tem acontecido na sua vida, com o sucesso demonstrado pelas outras pessoas nas redes sociais. Essa é uma comparação totalmente tóxica, injusta e cruel. E muitos adolescentes e pré-adolescentes têm sofrido emocionalmente, porque o padrão de referência de estar bem, estar feliz, estar legal ou ser reconhecido socialmente é um padrão inalcançável, baseado em algumas referências que eles têm tido nas suas interações digitais. A gente sente, às vezes, um pouco alienada desse mundo digital deles, mas o ponto é: uma criança de 10 anos tem maturidade de uma criança de 10 anos. E uma criança de 11 ou 12 tem o discernimento de uma criança de 11/12. Por mais que eles entendam o uso instrumental do digital, se vocês não oferecerem, se a escola não oferecer esses momentos de parar e ter essa reflexão crítica sobre o seu próprio bem-estar, sua saúde, de ter um autocuidado na sua rotina digital, eles não vão fazer isso sozinhos, mas só em uma situação de crise.

O convite aqui é que vocês façam e ajudem a fazer, em família — e eu sei que a Escola já trabalha muito com esses materiais que a gente desenvolve —, essa espécie de faxina nas rotinas digitais. É muito legal fazer isso em família, porque é difícil para todo mundo. Como especialista, pesquisador na área, estou apanhando de toda teoria para fazer esse gerenciamento do meu filho de 3 anos e sei que é muito mais difícil com os adolescentes. Não estou falando aqui do mundo ideal, estou dizendo que um esforço precisa ser

feito. Cada família vai ter um caminho, cada um de nós tem alguns tipos de valores. O importante é que cada família, com a escola, assuma esse desafio de organizar a rotina digital de nossas crianças e adolescentes, pensando não só na segurança, mas também na saúde física e mental deles e delas.

E isso passa pelo controle de tempo de tela, mas também passa pelo controle do ponto de vista de valores, de referências, de conduta. Precisamos falar disso com eles no café da manhã, no almoço, no fim de semana, porque não é uma palestra, não é um programa, não tem ferramenta mágica que vai fazer isso por vocês. É preciso desenvolver uma maturidade para ter capacidade de viver o digital de uma maneira segura e saudável. Existem algumas ferramentas que ajudam. No Instagram, já tem controle de tempo, tem alertas para que você faça pausas. Todo celular hoje já vem da fábrica com o sistema de controle de tempo de tela. Para quem usa Iphone, é só ir lá em tempo de uso; você controla o seu e dos seus filhos; tem informações curiosas, você consegue ver quantas vezes por dia desbloqueou o celular, por quantas horas usou o celular e usou cada aplicativo. É possível configurar, por exemplo, horários para desativar alguns aplicativos seus e dos filhos.

Então, de segunda a sexta, vamos colocar um limite de meia hora de uso para alguns aplicativos de lazer; no fim de semana, podemos colocar um limite maior. Você pode colocá-los por aplicativo, além de controlar momentos de “não perturbe”. Especialmente à noite. E você pode gerenciar, pode usar ou não pode usar, porque estamos falando de como gerenciar essa presença digital de uma maneira que faça sentido. De repente, numa semana de prova, é um tipo de limite; numa semana de férias, ou num sábado ou domingo, é outro tipo. Vocês podem combinar isso, mas é legal fazer isso em família. Mais do que impor de cima para baixo, é importante construir

esse entendimento da importância de gerenciar essa presença digital, porque isso vale para nós também. Temos que controlar nossos calendários, agendas, trabalhos, lazer, família, contas para pagar, e o digital ajuda também. No Android, tem, também, a mesma coisa, chama-se “Bem-estar e controle parental”, com várias ferramentas para controlar o dispositivo das crianças, se você permitir que a criança já use algum dispositivo.

Gostaria de concluir reforçando que não é só tempo de tela, é qualidade, conteúdo, são condições de educação socioemocional para lidar com esses vários contextos do digital que vão compor o nosso bem-estar, essa grande dieta. E precisamos ter a escola e a família estendida, não só pai e mãe, como referências para ampliar esse cardápio de experiências positivas no digital, e, também, o cardápio de momentos offline, de ofertas de lazer e entretenimento. Dentro da internet, mas também fora. Eventualmente, você pode oferecer referências de vídeos legais para ver com seus filhos, ou algum jogo online. Porque, às vezes, está cada um na sua tela, no seu quarto (a “geração dos quartos”). A própria família não se conhece, do ponto de vista de quem somos digitalmente. É muito importante ter mais experiências, por exemplo, sentar 30 minutos no fim de semana para jogar com seu filho ou sua filha, e fazer um esforço do tipo “não vou falar nada, não vou julgar, não vou condenar de antemão”, ou “filho, filha, tô curioso, me ensina aí a jogar esses botões que eu nem sei como apertar...”. Tem sido um exercício muito simples, gratuito e poderosíssimo, para que você se reconecte com seus filhos do ponto de vista da presença digital deles, para criar negociações combinadas, regras e limites, de outro lugar que não seja desprezar o que eles fazem, de dizer que é tudo jogo que não presta, é só porcária, só perda de tempo.

Quanto mais a gente tem essa postura de só julgar e condenar, menos eles nos procuram quando tiverem problemas no digital, menos eles vão compartilhar aquelas dúvidas, curiosidades. E sabem onde eles estão procurando tirar as dúvidas, encontrar as respostas, as curiosidades que eles têm? Na própria internet. Uma pesquisa recente publicada no Brasil diz que a gente tem um volume gigante de crianças e adolescentes que buscam informações sobre saúde mental na internet. E eles estão procurando esses conteúdos na internet porque estão com vergonha, com medo de pegar essas informações com vocês. Para ser mais preciso, 42% dos adolescentes no Brasil, de 15 a 17 anos, já buscaram informações de apoio emocional na internet. Dentre os 13 e 14, 35%. Os com menos de 12 ainda não sabem onde procurar. A gente tem muitas recomendações importantes da Sociedade Brasileira de Pediatria sobre essa gestão digital: evitar os horários de refeições com tela; evitar o acesso à internet no quarto na hora de dormir ou algumas poucas horas antes, por exemplo.

Queria terminar falando dos muitos estudos sobre os efeitos danosos do uso da internet à noite e de madrugada na qualidade do sono, na fase da vida em que o sono é precioso para produção hormonal, para a produção e manutenção da memória e outros artifícios que permitem a capacidade de atenção e desenvolvimento cognitivo. O uso das telas durante a noite ou até de madrugada é extremamente prejudicial. Tem um conceito que a gente usa muito nas pesquisas nessa área que é de diferentes tipos de suscetibilidade, de sofrer danos, das várias formas de sofrer riscos na internet. Para algumas crianças, dependendo do perfil, em termos de saúde emocional, e dependendo de outras variáveis, pode ser um jogo muito prejudicial. E o mesmo jogo para outro adolescente talvez não tenha nenhum efeito negativo, ou até tenha efeitos positivos de socialização. Muitos adolescentes aprendem

a falar inglês fluente e outras tantas habilidades técnicas e cognitivas por conta de jogos, de uma maneira muito saudável, muito equilibrada.

Essa correlação é muito complexa. Cada família é uma família, cada criança é uma criança, e o que a gente tem que fazer é conhecer essa rotina digital e conectar essa dimensão do digital com outras dimensões da vida. Como eu quero criar o meu filho para o mundo? Como eu quero que meu filho aprenda a desenvolver habilidades emocionais, sociais? Todos esses desafios de viver no mundo, mediar a educação dos filhos para o mundo, passam também por acompanhar o que eles fazem, e como, no digital. **O objetivo maior é ter o que alguns pesquisadores ingleses têm chamado de “resiliência digital”, que é muito mais do que conhecer o risco e evitar o risco; é ter mais proatividade, habilidades digitais para lidar com esses desafios do mundo digital.** Não tem mais como separar o mundo real e o digital, porque, no final, somos as mesmas pessoas, o mesmo corpo, a mesma subjetividade, a mesma construção que está em relação com esse mundo que é digital.

Ana Paula A gente falou muito da importância da participação, reconhecimento, convivência, relação e incorporação. Fiquei pensando muito sobre como o corpo apareceu na sua fala. Você disse que é preciso incorporar, porque, muitas vezes, a gente, que trabalha com tecnologia, vê que as pessoas não percebem que a tecnologia já está completamente incorporada; a gente tem muitas ferramentas tecnológicas, mas, às vezes, as pessoas se referem à tecnologia, ao celular, como algo apartados de nós, e ela está tão presente, está tão incorporada que a gente começa a perceber esses efeitos. Mas, antes disso, tem uma decisão que aflige muitas famílias, e aqui está a pergunta da Maíra Milena: **as crianças de 10 anos estão emocional e psicologicamente aptas para serem portadoras de um aparelho celular?**

Rodrigo Pergunta de milhões, né?! Sempre gosto de devolver com uma provocação. Essa mesma criança de 10 anos está apta a frequentar a Praça da Sé sozinha? Está apta a pegar o metrô e atravessar a cidade? Está apta a ir sozinha ao médico ou mesmo à escola? Ou viajar para o litoral sozinha? Essa mesma criança está apta a ter uma conta no banco, a usar o cartão de crédito sem limites? O celular conectado à internet é diferente do celular desconectado da internet. Mas considerando que a pergunta é para um celular conectado à internet, trata-se de uma plataforma digital que coloca a criança na maior praça pública que existe no planeta Terra; vamos combinar que tem se tornado um shopping aberto ao público, mas tem uma dimensão pública da internet que hoje tem 3 bilhões de humanos frequentando, alguns jogos têm mais de 1 bilhão de pessoas, o Instagram tem mais de 1 bilhão de usuários, o TikTok tem mais de 1 bilhão de humanos frequentando. A pergunta é: essa criança já tem discernimento para reconhecer todos os perigos que ela poderia encontrar indo sozinha à Praça da Sé? Ela já tem discernimento e maturidade para ir a pé para a escola ou ao shopping ou viajar para a casa de praia da família? Estou forçando a barra, mas o caso é que é a mesma criança, e o espaço até mais público que a Praça da Sé. Talvez ela não se exponha a riscos materiais de sequestro, riscos físicos, diretos, de assalto, mas, se essa mesma criança já usa redes que são feitas para adulto ou para maiores de 13 anos, sem discernimento, sem maturidade e sem as condições mínimas de segurança, expõe pelo GPS, com check-in, onde faz o inglês ou algum esporte, expõe com detalhes onde ela mora e para onde está viajando. Tem casos, que saíram na imprensa, de tentativas de sequestro, inclusive de crianças. Casos de crianças expondo os bens da família para ver quem era mais rico. “Ah, meu pai tem uma coleção de carros; meu pai tem não sei quantas casas; meu pai tem uma coleção de relógios...”, e publicam fotos

dos bens materiais da família em rede pública, permitindo que criminosos tivessem acesso. Estou dando exemplos exagerados, mas essa dimensão pública da internet é uma coisa para se considerar. “Ah, mas todo mundo tem, o meu filho não vai ter?” Todo mundo não é pai e mãe do seu filho, seu filho tem uma única família, seja qual for a configuração dessa família, talvez tenham aqui famílias plurais, mas o fato é que seu filho, sua filha, não é todo mundo. Não é porque outros têm que você tem que ter. Tem que ter quando vocês, família, considerarem que ele tem maturidade e discernimento. Esse ritual de oferta do primeiro celular, que, às vezes, acontece até antes dos 10 anos, é muito particular, mas o que eu posso dizer, mais objetivamente, é que **esse gesto de dar o primeiro celular tem que ser acompanhado de muita negociação. É quase como dar a chave de um carro para a criança, porque você está lhe dando acesso a um dispositivo que a conecta com muitas dimensões do mundo que talvez ela não tenha capacidade para estar conectada.** Para quem tem filhos menores, é preciso negociar essa oferta com condições de vocês terem acesso, de ajudarem a configurar, de poderem participar desses usos, não só na vigilância, de tomar o celular escondido e ficar espionando, não. Essas condições envolvem limite de tempo, limite de aplicativos. “Meu filho tem 10 anos e eu já dei o celular”, ok, mas vamos lá: vamos usar essas ferramentas que eu acabei de dizer. Qual é o combinado? Durante a noite não vai ter o celular no quarto. Uma criança de 10 anos não tem por que dormir com celular no quarto. Vamos configurar esse aparelho. Vai ter acesso à internet? Porque você mesmo quer ter contato com a criança. A gente sabe que o WhatsApp é uma ferramenta de comunicação com os filhos. Mas ela não precisa ter todos os aplicativos. Você pode configurar esse celular, para que ela tenha limitações de acordo com a autonomia, discernimento e maturidade que você avalia que ela já tem. E explicitar

o tempo todo: “Filho, filha, tem crime aqui no celular, tem criminosos que se aproximam da gente para roubar dinheiro, tem criminosos que podem fazer violências ainda mais graves, tem sequestros, tem todo o tipo de violência”. O bicho-papão, o moço do saco, todos os nomes que a gente dava para a criança pequenininha ter medo dos perigos da rua, todos eles estão no digital. E essa transição precisa ser feita. O que é mais perigoso não é uma criança de 10 anos ter celular, é a gente simplesmente dar o celular e deixar a criança à deriva nessa maior praça pública disponível nas redes sociais.

É preciso fazer a configuração do aparelho, inclusive para limitar sites de busca; você pode configurar, no Iphone ou no Android, para que o navegador que você vai buscar sites regule os resultados de busca considerando que é um dispositivo de uma criança. O Family Link do Google é um sistema gratuito que o próprio Google desenvolveu para que as próprias famílias façam essas configurações de uma maneira um pouco mais fácil. O YouTube tem a versão kids, eu já tive que apresentar para o meu filho, que vê uma hora por dia de YouTube Kids, e eu configuro. Não é o ideal, não é perfeito, tem muita coisa que eu acho ruim, mas, por exemplo, gasto alguns minutos do dia configurando o YouTube Kids para excluir canais que eu não quero que meu filho veja sequer a miniatura da recomendação.

Sei que tem muita coisa para fazer, sei que a gente não tem tempo, mas é preciso dedicar um tempo para configurar os aparelhos a que nossos filhos têm acesso. É diferente de não ter acesso. Às vezes, pensamos que é tudo ou nada, mas não é. Dá mais trabalho, mas é possível configurar tecnicamente também. Com 3 anos, meu filho veio me pedir: “Papai, podemos ter hoje aquele combinado de que eu vou assistir vídeo de manhã antes de ir para escola?”. Com 3 anos de idade ele veio me pedir para fazer um combinado

num dia diferente. Negocieei com ele que não seria possível e que, no sábado, a gente poderia, talvez, abrir uma exceção. Quanto antes começar a negociação, mais fácil, mas não quer dizer que tenha idade para fazer essa negociação. **Com adolescentes mais velhos vai ter briga, vai ter confusão, mas a dica é: tente criar uma sintonia antes de bloquear, antes de pôr de castigo, antes de cortar o cartão de crédito, antes de cortar o *wifi*, tem que repactuar.**

Com os adolescentes dá para ter uma conversa mais franca; participar desse diálogo é importante. Todo aplicativo tem uma idade mínima, é uma boa referência; o Instagram, o TikTok e mesmo o WhatsApp é para maiores de 13 anos. Eu acho que o WhatsApp dá para fazer uma concessão, mas com configurações para que estranhos não possam adicionar seus filhos, para que as fotos deles do perfil do WhatsApp não fiquem visíveis. Isso tudo são coisas que a escola tem começado a trabalhar. Esses temas já estão nos Parâmetros de Educação Básica, oficialmente. É importante que a gente tenha também essa agenda da escola também ajudando vocês a fazerem esse diálogo, que é desafiador; não é uma palestra, uma aula, mas uma rotina de pensar a segurança e o bem-estar digital.

Liana Toda vez que a gente tem que ter essa conversa, parece que são os pais chatos que não entendem, e, tendo a voz da escola junto, talvez realmente eles consigam entender que essas questões são muito sérias, questões, que eles talvez não percebam, sobre como estão sendo afetados. Acho que a primeira reação dos adolescentes é negar, falar: “A gente sabe, eu não me afeto com o que estou vendo...”, porque eles acham que ouvem isso e já estão preparados. Então, de que maneira a escola pode trabalhar? Nós, pais, gostaríamos de saber como se daria melhor essa parceria?

Rodrigo Perfeito. Todos os jogos digitais, mesmo os de console — PlayStation, Wii, Xbox —, têm classificação indicativa. Na capa do jogo, vem escrito a idade e porque é aquela recomendação etária. De novo, “classificação indicativa”, porque vocês, como família, é que vão fazer o julgamento. Então, vai estar lá na capa “recomendação para +16”, porque tem cenas de violência, de sexo, palavrões. Todo jogo tem uma idade também de recomendação. A Apple tem lá seus critérios, seguindo os padrões internacionais, e a Google Play também. As próprias indicações classificativas são o trunfo para vocês negociarem com seus filhos. O *family link* para crianças mais novas é bem prático também, porque você consegue configurar uma espécie de conexão do seu aparelho com o da criança. Remotamente, você consegue fazer algum tipo de controle prático do tempo de uso, do histórico de navegação. **Mais importante que a vigilância é as crianças saberem que elas não têm idade para estarem totalmente livres e sozinhas. Elas saberem que vocês estão ali já muda o comportamento delas. Com os adolescentes é mais desafiador, porque nós temos o compromisso de desenvolver a autonomia e privacidade no espaço digital**, assim como vocês dão alguma privacidade para eles no quarto.

No TikTok, tem uma ferramenta que se chama “Sincronização familiar”. Você consegue vincular a conta do responsável à conta do TikTok do adolescente. E, aí, você tem ferramentas muito práticas para o acompanhamento dessa presença digital. O Instagram acabou de publicar, também, uma ferramenta de controle dos pais, para que, a partir de suas próprias contas, consigam acompanhar as contas dos filhos. No site da SaferNet, a gente tem um compilado de recursos a que vocês podem ter acesso. Inclusive, são todos gratuitos, com esse passo a passo de ferramentas. O PlayStation tem vídeos-tutoriais que você pode configurar para o controle parental. Não é

nada muito difícil, nada que em meia hora vocês não consigam resolver. Se você procurar na internet “como configurar do jogo tal, ou da plataforma tal”, você encontra o passo a passo. Por exemplo, colocar no chat dos jogos, porque é importante você saber, seja lá qual jogo seu filho jogue. Todos esses jogos têm ferramentas de controle de chat, de interação. Às vezes, você tem crianças de 9, 10, 11 anos jogando com pessoas do mundo inteiro. E criminosos sexuais se aproveitam desses jogos para entrarem em contato, e, às vezes, aliciam as crianças oferecendo poder no jogo, moeda no jogo, o modelo do carro poderoso do jogo, ou *skins* dos jogos, que inclusive têm valor monetário (vocês colocam dinheiro do cartão de crédito para eles comprarem moedas digitais). Criminosos já se aproveitam dessas interações dos jogos para pedirem informações pessoais, para se aproximarem e fazerem aliciamento sexual. Tem uma ferramenta muito simples que é “proibir contatos com estranhos no jogo”. Você pode configurar com seu filho, principalmente os menores de 13 anos que jogam online, uma lista que diz com quem ele pode jogar e bater papo no jogo. Às vezes, ele pode até jogar junto, mas sem interação no chat. Você pode fazer com ele uma lista: “Você joga com quem? Com Zezinho, com Roberto, com seu primo, com a turma da escola”. Você pode fazer uma lista com quem ele pode abrir a câmera e bater papo no jogo. E todas as outras pessoas estão bloqueadas.

São dicas práticas como essa que a gente dá no nosso site. Por exemplo, sentar com seus filhos para ler as ferramentas dos nossos guias. É menos complicado do que parece: em 15, 20 minutos de leitura, você vai descobrir ferramentas muito legais, como as do Instagram, para ensinar os seus filhos, por exemplo, a de filtro de comentários, que você ou o próprio adolescente pode escolher palavras que não quer que as pessoas usem para falar com ele no Instagram para que o próprio Instagram bloqueie – hash-

tags, emojis e coisas que podem até ser invisíveis para nós, adultos, mas que são piadas internas que rolam, chacotas, alguns emojis que podem estar associados a alguma coisa que machuca, ofende ou desagrada os nossos filhos.

Então, é importante dar poder para eles também configurarem essas plataformas. No próprio TikTok, você pode treinar o algoritmo para não oferecer certos tipos de conteúdo, e sinalizar lá “não gostei/não quero receber esse tipo de conteúdo”. Vocês podem fazer um pouco disso também: entrar com eles e configurar tipos de conteúdo que, na avaliação de vocês, não são saudáveis, e ir criando esse entendimento de que é preciso fazer esse gerenciamento. Sei que é muito mais fácil pensar o ideal, mas o ponto é: tem vários pontos de partida, que podem ser a leitura conjunta desses materiais ou assistir a vídeos com eles.

É difícil, mas é possível para todo mundo. São mudanças pequenas nos hábitos da família. Controle da classificação indicativa dos aplicativos, negociação de horários, negociação de conteúdos e criar momentos para falar sobre o que é legal e o que incomoda no digital são disparadores de conversa que a gente pode fazer em família e que a escola também tem feito, e o Vera tem uma tradição de fazer muita coisa em relação a isso.

Ana Paula Debora Rana, nossa coordenadora, menciona que você traz dois temas, cuidar e interditar, no caso de família e escola no papel de tutores. Você pode falar mais um pouquinho desses dois sentidos?

Rodrigo Claro. Uma pesquisadora japonesa insiste muito nesse ponto: “Olha, se a gente funcionar só como fiscal de tela, nossos filhos vão ter

medo da gente”. E muitos dos nossos filhos têm medo da gente. Não estou dizendo que a gente tem que deixar de exercer, mas esse não pode ser o único papel; a gente precisa começar a ter também um pouco mais de presença como oferta. “Poxa, meu filho, me fala aí três perfis para eu seguir, ou me convença a usar o TikTok, porque estou pensando em criar um perfil”, ou qualquer outra plataforma que ele esteja eventualmente usando. Faça esse exercício. Se você eventualmente usa o Instagram também e permite que o seu filho o use, faça essa troca: “Filho, vem cá, descobri três perfis que são muito legais que quero muito compartilhar com você e quero que você também compartilhe três perfis que você curte para a gente trocar referências aqui”. Esse tipo de troca cria outra relação. E por que isso é importante? Porque se eles têm a gente só como referência de censura — e quanto maior a censura, menor é o espaço de diálogo e negociação na família —, mais eles tendem a ter mais de um perfil. Um perfil que os pais sabem que ele tem e outro perfil que é o que eles usam mesmo, um perfil que vocês nem fazem ideia que ele tenha, com outro nome, um apelido, um *nickname*. Alguns adolescentes até têm dois celulares, um clandestino, que os pais desconhecem e que ele abastece com crédito sem que vocês saibam. Esse é o pior cenário, porque eles estão mais expostos. Quando eles têm dúvidas, eles não buscam vocês, buscam a própria internet ou outras pessoas e ficam, de novo, vulneráveis. Então, **se nós não formos a referência, aumentamos ainda mais a vulnerabilidade deles. Ter essa relação de confiança, para além da censura, é fundamental para que eles tenham essa noção de autocuidado.**

Na SaferNet, a gente trabalha com esse tema de segurança digital, mas nosso mantra é educar para boas escolhas online, para que a gente tenha liberdade e segurança, e não liberdade ou segurança. A meta maior é a gente con-

seguir convencer nossas crianças e adolescentes de que nossa participação não é só de censura, mas é também para ampliação da liberdade.

Os pequenininhos, por exemplo, com o primeiro celular, uma das ferramentas que a gente usa é fazer um contrato, literalmente, assinar um contrato, um contratinho, imprimir e a criança assina o nome dela, e, de tempos em tempos, você pode revisitar: “Olha, o contrato fez um ano, vamos renovar?”, como um contrato de aluguel. É importante formalizar esses pactos e renegociar esses pactos para que a criança se sinta recompensada e, digamos assim, reconhecida no seu esforço de andar mais uma casinha no caminho da liberdade, mais autonomia. É preciso valorizar essa singularidade que é seu filho, sua filha, e valorizar a singularidade que é a sua família. Vale a pena o investimento de tempo. A prioridade absoluta, inclusive pela lei, é a segurança das nossas crianças e adolescentes. **A prioridade das nossas vidas como pais e mães, às vezes como tios e tias e avós, é cuidar e fazer o melhor possível para nossas crianças. Isso inclui também fazer com que elas vivam o ambiente digital com saúde, segurança.**

Meu apelo é que se tenha um tempinho para conversa, mas faça disso um tempo bacana, inclusive um tempo offline, com passeio no parque, na praia, na praça, ou mesmo fazendo um esporte juntos. Vocês podem falar também da importância de ficar offline, até para depois curtir online de forma mais crítica, sabendo que há outras formas de brincar, de estar juntos. Termino fazendo um apelo para que vocês valorizem os encontros presenciais dos seus filhos com amigos. Combinem com a turma do condomínio, convidem para ir à casa de praia, recuperem o contato face a face dos seus filhos, principalmente os pré-adolescentes, o contato com a natureza, mas principalmente o contato com outras crianças, fisicamente, sem telas. Recuperar

esses espaços offline e presenciais é crucial para o bom desenvolvimento da saúde mental, mas também do corpo e de outras formas de expressão das nossas crianças, tão impactadas pela pandemia.

Ana Paula Muito obrigada, Rodrigo. Agradeço em nome do Vera e da OFS.

20 de outubro de 2022

Convivência ética na internet

Thais Bozza é pedagoga e doutora em Educação pela Unicamp e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem-Unesp/Unicamp). Especialista em problemas de convivência, *cyberbullying* e outras agressões virtuais, educação midiática e convivência ética em ambientes online.

Thais Que bom que vocês estão aqui para refletirmos sobre esses temas que são tão importantes, urgentes e necessários. Eu gostaria de agradecer o convite da Escola Vera Cruz para conversarmos sobre essa temática. A ideia é que possamos dialogar. Vou conversar um pouco com vocês sobre pesquisas, sobre situações que acontecem na internet, mas a ideia é que a gente possa realizar trocas, tirar dúvidas, expressar nossas angústias como mães e pais, tias, avós e outros responsáveis pelos nossos estudantes, nossos filhos.

Sou gestora do projeto da Convivere Mais, um grupo de estudiosos, pesquisadores de diversas universidades do país, que tem o apoio do Gepem, o Grupo de Pesquisas de Educação Moral, da Unesp e Unicamp. E, na Convivere, atuamos na formação de professores e gestores; fazemos um trabalho de assessoria para escolas públicas e particulares. A gente atende casos graves, situações de crise. As escolas, muitas vezes, nos procuram para lidar com problemas de convivência sérios, como *cyberbullying*, exposição da intimidade na internet, violência dura, casos de ameaças nas escolas, uso de drogas e álcool nas escolas. Também desenvolvemos um Programa de Convivência na Escola, em que a gente estuda com professores, gestores e famílias temas relacionados ao desenvolvimento de valores éticos que são importantes para a convivência e a melhoria da qualidade dessa convivência fora da internet, na escola, mas também na internet, nas redes sociais.

Um pouco do que eu vou contar é um trabalho que realizamos há algum tempo nas escolas e tanto pelo Gepem, quanto pela Convivere. Atuo mais nas questões ligadas aos problemas de convivência na internet. Quem orientou meu doutorado foi a professora Telma Vinha, uma professora reconhecida na área da psicologia educacional. No doutorado, elaborei todo um currículo com duração de 150 horas para trabalhar, com adolescentes

do Fundamental 2 e Ensino Médio, as questões ligadas ao universo virtual, não só as questões de violência, do *cyberbullying*, do linchamento virtual, da exposição da intimidade, mas também de outras temáticas ligadas à convivência e ao uso que a gente faz da internet e das redes sociais. Ministrei aulas para os adolescentes, então aprendi muito com eles, vivenciei experiências que hoje me permitem dizer que a internet tem um impacto nas nossas vidas, apesar de pensarmos “ah, mas é só no Whatsapp...”, isso tem um impacto na vida real.

A gente sempre recebe esse tipo de pergunta. Por exemplo: “Meu filho tem nove anos. Ele tá dizendo que todo mundo da sala dele tem celular, tá no WhatsApp, e ele tá se sentindo excluído. Eu não quero dar um celular para ele, mas devo? Porque eu acho que ele é muito novo, mas eu não quero que ele se sinta excluído.”; “Quanto tempo meu filho ou minha filha pode permanecer conectado?”; “Qual o limite desse tempo de conexão que pode prejudicar a vida dele, dela?”; “Será que o jogo que meu filho fica jogando com outras pessoas é permitido para a idade dele? O que será que acontece nesses jogos, como essa dinâmica funciona?”; “Meu filho, ou minha filha, foi alvo de ofensas no grupo de WhatsApp da turma. Isso é *cyberbullying*? O que eu faço? Chamo a escola? Coloco no grupo de WhatsApp dos pais para discutirmos isso? O que fazer?”; “Eu sei que uma colega do meu filho teve imagens íntimas expostas e todo mundo da escola teve acesso. Como é que eu devo agir?”. São algumas questões que a gente tem estudado e atuado de uma forma muito frequente nas escolas do Brasil.

Gostaria de começar refletindo com vocês sobre aspectos desse espaço virtual. Existe um equívoco muito grande de que aquilo que acontece na internet fica na internet e não tem um impacto na nossa vida. Só que esse mundo

virtual — essas relações que a gente vivencia, as situações que acontecem no espaço virtual, os vídeos a que nossos filhos assistem, os youtubers, os tik-tokers, figuras que nossos filhos admiram — vai influenciando a formação dos nossos filhos, a identidade, e impactando a vida deles de forma muito presente. **Não há uma dissociação de um espaço virtual do espaço real, uma vez que na internet a gente convive com pessoas como nós, de carne e osso, e estabelecemos relações interativas com pessoas.** As situações que vivenciamos, como agimos com o outro, na internet, e como o outro age conosco, influenciam minha vida, meus sentimentos. Não é diferente, por exemplo, de um adolescente ser ofendido na sala de aula e no grupo do WhatsApp da turma. Ele vai se sentir exposto da mesma forma. Contudo, é importante termos conhecimento de que, apesar de serem mundos que estão conectados, a internet tem características que potencializam as violências e outras situações de convivência.

A primeira delas é que qualquer coisa que a gente faz na internet, nas redes sociais, fica ali para sempre. A permanência daquilo que a gente posta é eterna, não tem como retirarmos aquele conteúdo do espaço virtual, ainda que a gente apague aquele conteúdo. Posso mandar uma mensagem para alguém e, daqui a dois segundos, me arrepender e apagar a mensagem. Mas, se essa pessoa mandou a mensagem para outra ou a salvou, aquele conteúdo vai ficar disponível. Não sei o que o outro vai fazer com esse conteúdo, não sei se ele vai compartilhar, se vai guardar, se vai usar contra mim. É algo que a gente tem estudado bastante com crianças e adolescentes, porque, às vezes, eles não têm ideia de que aquela “brincadeira” que eles fizeram no ambiente virtual se propagou, viralizou e atingiu um grupo grande. Com um clique, a gente consegue compartilhar um meme, e, a princípio, a gente estava brincando. Então, vou dar um exemplo: quando cheguei aqui, Cláu-

dio [da TI do Vera] pediu para eu fazer um teste do áudio e fez uma brincadeira. Mas pode ser que ele pegue esse áudio e mande para um grupo de WhatsApp da equipe dele: “Olhem a palestrante que veio aqui hoje...”. Mas existe a possibilidade de esse áudio sair e ir para outros grupos, de ser manipulado, e por aí vai. Quem está por dentro das coisas que acontecem na internet sabe a dimensão que isso pode tomar.

Além disso, o que é importante a gente pensar, principalmente olhando para as crianças e adolescentes, é que, muitas vezes, há situações em que os adolescentes criam páginas usando um perfil falso, criam um perfil no Instagram usando uma imagem que não é verdadeira. E, aí, eles usam essa falsa identidade para praticar atos desrespeitosos, expor outro aluno, o professor, outras pessoas, sem que possa ser identificado. A gente sabe que pode identificar, mas que não é simples. E, uma vez que ele criou uma página para falar mal de alguém, ainda que ele apague a página, se outras pessoas voltam a compartilhar, não tem como retirar para sempre aquele conteúdo dali. **O grande problema que vivenciamos na pandemia, enquanto estávamos em isolamento social, foi essa distância emocional que nossos filhos e alunos vivenciaram nas relações.** Na internet, qual a grande questão, do ponto de vista do desenvolvimento da criança e do adolescente? Sabe aquela empatia, de que a gente fala tanto, que é se colocar no lugar do outro, reconhecer o sentimento do outro? Essa empatia é reduzida na internet. Por quê? Porque, quando eu estou frente a frente com o outro e estou em conflito com ele, de repente eu falo algo para ele e percebo na expressão dele que algo o deixou nervoso, com raiva. Essa devolutiva de sentimentos, da emoção que o outro expressa, é importante porque ela regula nosso comportamento. **Quando vejo o que as minhas palavras estão causando no outro, tenho tendência a me conectar com o outro, com**

aquilo que ele está sentindo. Só que, na internet, isso não acontece. Às vezes, estou brigando com alguém no WhatsApp, falo alguma coisa de forma impulsiva, sem a intenção de ofender, mas não consigo mensurar o que as minhas palavras causaram. Posso imaginar “Agora, ele ficou bravo com algo que eu disse”, mas não consigo ter acesso ao sentimento do outro na internet. E qual foi o grande problema que a gente teve nesses quase dois anos de pandemia? Essa lacuna no desenvolvimento desses jovens. E, nas escolas, claro, apareceram muitos problemas porque não tivemos a oportunidade de desenvolver essas habilidades, que somente a relação presencial com o outro possibilita. As escolas passaram a se queixar de que os alunos estavam muito individualistas, com muitos conflitos que não estavam conseguindo resolver, que adolescentes estavam tendo comportamentos infantis. Essa convivência que a gente teve no espaço virtual, nesses dois anos, impactou o desenvolvimento de nossos filhos.

Há também um equívoco. A gente acha que a internet tem a possibilidade de ser um espaço privado. “Ah, eu tô mandando uma mensagem só pra minha melhor amiga, um segredo, que só vai ficar ali”. O que a gente esquece — nós, adultos, crianças e adolescentes — é que a vida passa, o tempo passa. Hoje, ela é minha melhor amiga, amanhã, pode não ser mais e aquilo se torna público. Apesar de utilizarmos o WhatsApp, o Direct do Instagram, espaços que aparentemente são espaços privados, facilmente um conteúdo da internet se torna público. E quando se torna público, é um público muito grande, não é só o público restrito que tem acesso.

Então, que tal conhecer os principais comportamentos violentos que nossos filhos vivenciam nas interações virtuais? O *cyberbullying*, por exemplo, é quando há o uso intencional da ferramenta virtual — rede social, vídeo, câ-

mera — para ameaçar, humilhar, difamar. O *cyberbullying* é uma violência que acontece entre sujeitos que estão no mesmo nível hierárquico de autoridade. Então, por exemplo, quando um aluno cria uma página para falar mal de um professor, isso é uma violência virtual, mas a gente vai chamar de ciberassédio. Porque o *bullying* e o *cyberbullying* têm uma característica que é a violência que acontece entre pares, entre pessoas que convivem diariamente, entre alunos, primos, crianças que moram no mesmo condomínio, mas que têm essa relação mais igual.

Então, qual é o grande problema do *cyberbullying*? Às vezes, sofro uma violência, e sei que é uma pessoa com quem eu convivo, que está na minha classe, mas que eu não sei quem é, porque criaram um perfil falso para falar mal de mim, por exemplo. A gravidade desse fenômeno é que é alguém conhecido, alguém que me conhece, que intencionalmente me coloca em uma situação de exposição.

Vimos na pandemia situações em que, após uma aula online, os alunos “printavam” imagens de alunos na tela, ou faziam montagens, pegavam alguma expressão de alguém que não favorecia muito e montavam um meme ou uma figurinha. Então, quando a gente conversava com os adolescentes, eles falavam: “Mas a gente estava brincando”. Eles geralmente vão usar esse argumento. Só que isso causa um sofrimento, porque é uma pessoa que está sendo exposta, sendo ridicularizada, vivenciando uma situação vexatória. **Shaming é o nome dessa prática intencional, e ainda que seja uma brincadeira, que pega um recorte de uma expressão de alguém e faz uma figurinha, ainda que eles não saibam a dimensão que isso pode causar, tem ali uma intenção de expor, de ridicularizar alguém.** Outra situação: quando a gente conta um segredo para alguém no Whatsapp e esse segredo é compar-

tilhado com todo mundo, ou cria perfis para compartilhar materiais com informações de alguém. Isso é muito comum: ofender um colega na internet ou fazer um grupinho no WhatsApp e excluir esse colega, fazendo com que ele saiba que não está naquele grupo. Esse é um tipo de *cyberbullying*. Existe um termo que é o linchamento virtual. É quando a gente coloca alguém em evidência e ataca, apedreja aquela pessoa. O linchamento virtual muitas vezes acontece nos grupos de WhatsApp sem que a gente saiba.

Existe um grande número de pesquisas recentes que mostra que essas situações vivenciadas na internet, principalmente agora por crianças e adolescentes, impactam na saúde mental e no bem-estar psicológico de quem é alvo. Não é raro lidarmos com situações em que um adolescente que é linchado no grupo de WhatsApp não queira voltar para a escola no dia seguinte, ou queira sair da escola, evitar os amigos. Isso acontece de forma muito frequente. O sentimento de solidão, insegurança, tristeza, algumas questões ligadas à saúde mental, por exemplo, desenvolver síndrome do pânico, ter problema com sono, com alimentação, são problemas de quem é alvo. Um exemplo: a garota se chama Débora, hoje já é adulta, mas foi alvo de meme. Ela postou uma foto na época do Facebook dela, pegaram essa foto, tiraram do contexto, fizeram uma montagem, como se fosse um diálogo em cima da foto. Está escrito: “Minha amiga quer ficar com você”; “Manda uma foto dela”. E aí mandam uma foto que a desfavorece. Era para ridicularizá-la. Ela disse que, depois que ela se tornou meme, tentou suicídio, não saiu mais de casa, se sentia a pessoa mais feia do mundo, tinha medo de sair na rua e as pessoas reconhecerem que era ela a menina do meme. Tamanho foi o impacto que um meme causou na vida de alguém, que a gente não chama mais de brincadeira, a gente sabe que é *cyberbullying*. É uma situação que a gente tem visto com frequência.

Os filhos de vocês têm idade para usar as redes sociais? Por que vocês acham que tem uma idade mínima para o uso das redes sociais? Protege em que sentido? Saber se uma mensagem é *fake*, se é uma montagem, conversar com uma pessoa desconhecida, ter os nossos dados compartilhados, roubados. Não saber lidar com essas situações na internet é uma dificuldade muitas vezes nossa e, principalmente, dos nossos filhos. Uma criança de 9, 10 anos, não tem condições, do ponto de vista cognitivo, de lidar com todas essas demandas. Conhecem o Discord? É um aplicativo muito utilizado nos jogos. Na pandemia, foi muito utilizado pelos adolescentes para fazer trabalho. É um bate-papo, só que, pelo menos na pandemia, a gente teve muitas situações de cibercrimes porque ele tinha uma segurança muito frágil e, muitas vezes, os pais não sabiam. E foi substituído pelo WhatsApp. “Ah, meu pai e minha mãe não olham o Whatsapp...” Mas, muitas vezes, não olhavam o Discord, onde as coisas realmente aconteciam.

Thais O Discord é, segundo uma pesquisa que a gente fez com o 6º ano, o segundo aplicativo de mensagens que eles dizem usar. Estamos falando de adolescentes de 11 e 12 anos, 13 anos, talvez, na época em que a gente fez a pesquisa.

Thais É uma questão que exige nossa atenção, principalmente aos adolescentes que já têm um desenvolvimento cognitivo mais avançado e que, muitas vezes, burlam os controles dos pais.

Já o Snapchat, hoje, não é muito utilizado pelos adolescentes, mas já foi muito. Numa época, o Snapchat tinha umas ferramentas de segurança diferentes de outras redes sociais. Tinha a possibilidade de um adolescente

enviar um *nude* para uma amiga, uma ficante, uma paquera, e esse nude “desaparecer”, não ter como essa pessoa printar, porque ele durava 1 ou 2 segundos. Quando a gente conversava com os adolescentes, eles falavam: “Ah, eu mandei uma foto zoeira para o meu colega, mas não tem como ele printar. Se ele printa, o aplicativo avisa que ele printou”. E a gente perguntava para ele: “Bom, mas se eu sei que estou esperando um nude da menina que estou ficando, sei que não consigo printar, mas se eu conseguir um celular com o colega do lado e tiro uma foto daquela imagem, posso usar, guardar, divulgar, fazer uma montagem, fazer o que bem entender”. Temos também o Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram e o TikTok, que é a onda do momento. O documentário da Netflix *O dilema das redes* conta como é o sistema de viciar as pessoas, e o TikTok tem o poder de gerar esse vício, de as pessoas ficarem presas horas e horas vendo os vídeos, de uma forma muito eficaz. O Tinder e o Happn são aplicativos de relacionamento, de namoro. Muita gente não sabe, mas a idade mínima para usar o YouTube é 18 anos, porque tem exposição de conteúdos que, muitas vezes, não são adequados para menores de 18 anos. E do Onlyfans vocês já ouviram falar?

[Mãe] É uma ferramenta de postagem de fotos sensuais que outras pessoas pagam para ter acesso. Hoje, há pessoas que vivem disso, postando fotos, seja de lingerie ou sem. E você é monetizado por isso, pelo tipo de acesso que você tem.

Thais E quem faz isso? Os famosos? Sim. E quem mais? Qualquer pessoa que quiser. A gente tem muitos adolescentes arrecadando dinheiro postando suas imagens íntimas e recebendo um valor alto em troca dessas postagens.

[Mãe] Não é uma rede social, mas, com a pandemia, nas escolas, o Teams passou a ser usado pelas crianças. Meu filho que tem oito anos, por exemplo, que não tem um celular, teve acesso a um computador durante a pandemia e, até hoje, ele se encontra com os amigos pelo Teams e conversam por chat, em algum momento específico do dia. “Vamos nos encontrar depois da aula e vamos conversar?” Não é uma rede social, mas funciona da mesma forma e tem que ter todos os cuidados.

Thais Tem que refletir sobre os usos que a gente faz, sobre as características dessa plataforma, o que é escrito ali, o que é exposto. São sobre muitas questões que a gente precisa refletir com eles, além de supervisionar. Quanto menor a criança, mais a gente precisa desse olhar atento.

“Se eu passar minha conta e minha senha pra minha melhor amiga, ela não vai fazer nada”. Quem garante? Às vezes, a melhor amiga não fez nada, mas ela anotou no caderno, o colega copiou, usou aquela senha para se passar por ela — é muito fácil fazer isso. A princípio, os adolescentes fazem sem intenção de prejudicar, para tirar um sarro, mas isso tem uma consequência que eles não têm dimensão. Antecipar essas consequências com uma reflexão com nossos filhos é bem importante; em psicologia, chama-se “tomada de consciência”.

Às vezes, você clica ali sem ler e a senha fica salva no computador que é de uso público. Não paramos para pensar nas características dessa adolescência de hoje. Quando a gente ia para uma festa quando era adolescente, era muito mais fácil; a gente podia dançar, fazer o que quisesse, que só quem estava naquela festa teria acesso ao que estava acontecendo. Agora, não, vai para a rede social. Tem montagem das meninas dançando, tem exposi-

ção de alunos que muitas vezes bebem, tudo gravado, filmado, e esse vídeo vai para a rede social. São desafios que nós, quando éramos adolescentes, não enfrentamos. Isso não significa que nós não temos que ter conhecimento do que eles estão vivenciando agora, porque continuamos sendo os adultos da relação.

Juliana Temos um interesse específico pelo Teams, porque é a ferramenta que os alunos da Escola usam. Fico muito assustada quando vejo o que eles estão postando ali, coisas que estão buscando em outros lugares. “Ah, porque está no Teams, estão falando com o amiguinho, está fazendo a lição, é da escola”. E estão trazendo *print* do Pinterest, vídeo do YouTube, memes do Google. Eles têm livre acesso para trazer o conteúdo para o ambiente que teoricamente deveria ser seguro. Vejo piadas de cunho sexual que eu tenho certeza que eles nem sabem do que se trata. Essa fase foi muito chocante. Acho que a Escola tem conversado sobre isso. Mas eu fico até pensando se deveria existir algum tipo de moderação, se é até possível, porque são milhares de turmas, de crianças — imagino que seja difícil para a Escola. Mas como envolver os pais, que muitas vezes estão trabalhando, achando que as crianças estão fazendo as lições juntas? Muitas vezes, eles fazem isso também, isso é legal. Como envolver os pais, mas, ao mesmo tempo, controlar esse ambiente da Escola? Porque, se você vê um menino ou uma menina falando alguma coisa muito desrespeitosa para o outro presencialmente, você vai chamar a atenção, mas, se está rolando no Teams, você não está vendo. Fora os outros riscos, que já aconteceram no passado, de estar no Teams e a pessoa passar de toalha atrás.

Thais Sua questão é o principal desafio atual para nós: “Bom, vamos tirar o Teams? Não vamos mais usar? Vamos banir o Teams?”. Isso resolveria o

problema? “Ah, então eu não vou deixar meu filho usar mais o WhatsApp, porque ali tem grupos da turma em que falam palavrões”. Isso resolveria o problema? Pode ser que resolvesse no momento da crise, de forma pontual, mas todos os dias são lançados aplicativos que funcionam da mesma forma que o Whatsapp, o Teams, o Zoom, o Meets, todas essas. A gente tem refletido muito com as escolas e com as famílias sobre a responsabilidade que a gente tem de educar os nossos filhos para que reconheçam esses cenários de violência, reconheçam que o meme tirando sarro de alguém não é brincadeira, que há perigos, riscos, porque a gente não vai reconhecer [para eles]. Quando nosso filho tem 8, 9 anos, a gente até consegue acompanhar minimamente o que ele está fazendo, mas, quando ele tiver 15, 16, a gente não vai conseguir ficar acompanhando o tempo todo, a par do que ele está fazendo e atuando de forma mais controladora, monitorando seu uso. **A gente precisa dar ferramentas aos nossos filhos para que eles se protejam sozinhos. Para que eles possam, na ausência de um adulto, saber o que fazer em uma situação de violência, para que eles possam inclusive recorrer a um adulto quando eles não souberem o que fazer diante de uma situação de internet.** De repente, em um jogo, vem um cara: “Olha, eu tô vendendo uma possibilidade de você passar de fase, de nível, pagando tantos reais. Você me passa seus dados etc.”. Então, a gente precisa investir em educação nessa área. Isso não significa que a gente não precisa de momentos de supervisão, principalmente quando as crianças são pequenas. Mas investir em educação é o caminho para a gente superar e preparar nossos filhos, e a nós também, para essas demandas que a gente vivencia virtualmente. Porque não tem como abolir o Teams, vai vir outro no lugar; não tem como abolir o WhatsApp, porque vai vir outro no lugar. Essas ferramentas vieram para ficar e estão cada vez mais completas, têm cada vez mais recursos para a

gente acessar. Então, nosso papel é educar, refletir sobre essas questões e pensar em propostas educativas para formar esse sujeito para usar a internet de forma segura, consciente, tendo noção do que acontece ali, porque eles não vão fazer isso sozinhos. **Eles podem ter nascido nessa geração que aos dois anos eles já sabe mexer no celular, mas utilizar a ferramenta não significa saber usar a ferramenta com segurança, com responsabilidade, de uma forma positiva.**

Débora Fico pensando que, se eu tivesse um filho pequeno, acho que ia guardar no armário. Mas a gente não pode demonizar o recurso que nos traz tantas coisas boas. Então, qual é esse meio de campo, o que é esse cuidar? Porque sobre várias coisas que você levantou eu pensei: “mas isso já existia” — mas ganha outra dimensão na internet. Logo, muda o cuidar. E, aí, vem a pergunta: como cuidar? Quem cuida? Acho que essa construção nos ajuda a fazer a travessia provocada por essa paralisia que o medo nos traz.

Thais Primeiro, a gente era procurada por escolas que tinham o Fundamental 2 e estavam com muitos problemas, aí começou o 5º ano. “Ah, o 5º ano começou a usar o WhatsApp, está dando muito problema”. Agora, a gente tem demanda de 2º, 3º ano. Dá esse medo mesmo. É uma demanda que a gente precisa cuidar. E como cuidar?

O problema das redes sociais é que a gente não foi formada para poder utilizá-las, e a gente está aprendendo normas de convivência, leis, é tudo muito recente. A gente está trocando o pneu com o carro andando. A gente não tem um manual a que a gente possa recorrer, por exemplo: “Meu filho sofreu *cyberbullying*. Onde eu acho o que eu faço? Vou perguntar pros meus

pais como eu vou lidar com essa situação?”. Como outras situações que a gente vivencia com os nossos filhos, a gente recorre aos nossos pais que têm mais experiências para saber o que fazer. “Ah, meu filho não come brócolis.”; “Faz uma sopinha”. Como a gente vai fazer com a internet, se a gente não tem a quem recorrer? A gente precisa entender quais são os mecanismos, os recursos disponíveis nas redes sociais, o que pode acontecer no Teams, no WhatsApp; a gente precisa tomar consciência e refletir sobre nosso papel educativo. Como pais, o que cabe a nós, como a gente enfrenta todas essas demandas de nossos filhos ali, vulneráveis?

A gente entendeu agora o que é o *cyberbullying*, que é diferente de um conflito. Eu tenho um conflito com um colega, a gente discute, mas nossa relação se mantém equilibrada. No *cyberbullying*, há o uso intencional da rede social para prejudicar o outro. “Ah, eu estou em conflito com uma menina, a gente não se resolveu, vou pegar uma mensagem que ela me mandou há dois meses contando algum segredo e vou divulgar, pra me vingar.” Aí, a gente torna o conflito em um ato violento, intencional, que expõe o outro.

No caso de uma ofensa, figurinhas tirando sarro, colocando nossos filhos em uma situação vexatória, o que a gente indica? Primeiro, que a criança e o adolescente não podem ter acesso àquele conteúdo por muito tempo. Se se sentiu ofendido, printe aquele conteúdo, qualquer celular ou computador faz isso. Tire uma cópia daquela tela. É indicado que a criança saia daquele meio. Ela não precisa sair do grupo de WhatsApp, mas é indicado que ela não tenha acesso ao celular até que ela possa se acalmar, até que consiga raciocinar. Quando a gente está com muita raiva, se sentindo muito exposta, não sabe o que fazer, acaba tomando alguma atitude por impulso e acaba piorando. É indicado não ficar entrando, não revidar a agressão, não

entrar em discussão por meio do WhatsApp, da rede social; não que isso não possa acontecer depois, presencialmente, mediado por adultos. Salve o conteúdo, porque, às vezes, é algo muito sério que a gente pode resolver juridicamente, mas que não fique relendo, vendo o comentário dos outros, o que as pessoas vão falar. Isso é bem importante para a gente cuidar do lado emocional do nosso filho, da nossa filha, nesses momentos. Se inventarem alguma mentira, que você tenha necessidade de se defender, de mostrar a sua perspectiva, não faça isso na hora. Faça um único *post* mostrando sua perspectiva, mas se afaste daquele ambiente online, para que não tenha acesso ao que as pessoas vão ficar falando de você. Para a gente, já é muito pesado e, para eles, principalmente, que estão na fase em que a relação entre pares é muito importante, é muito sofrido ter acesso a colegas da turma que os colocam em evidência.

A Convivere Mais tem um *podcast* organizado justamente em temáticas ligadas à família e escola: qual a responsabilidade da família e da escola em situações de bullying; quais as regras de convivência em casa e na escola; como é que a gente lida com os conflitos em casa; como enfrenta os conflitos na escola. São temáticas que conversam tanto com educadores de casa, quanto educadores da escola. No episódio 11, a gente conversou sobre agressão virtual. Está disponível no nosso site e no Spotify. A gente se preocupa em trazer sempre uma perspectiva teórica daquilo que está abordando e apresenta sempre uma pesquisa para refletir, dados científicos para nos orientar em situações de convivência. As próprias plataformas virtuais, a SaferNet que vocês já conhecem, tiveram acesso aos trabalhos que realizam, são contatos que podem nos ajudar nesses momentos de crise. “Colocaram um vídeo do meu filho no Twitter, em que ele está sendo hostilizado pelos colegas da turma. Como é que eu tiro, como é que eu faço as pessoas para-

rem de compartilhar esse vídeo?” A gente pode muitas vezes recorrer à SaferNet, que pode derrubar esse conteúdo; eles não vão apagar para sempre, porque isso não é possível, mas eles têm condições de tirar aquele conteúdo altamente compartilhado na rede social. A SaferNet faz isso, o Facebook, o Instagram, a Unicef têm esse email direto que pode nos ajudar em situações em que nossos filhos estão sendo expostos na internet; e a gente sempre pode recorrer às escolas, que é onde estão os profissionais de educação sempre atentos a esses desafios, a essas características do mundo virtual, para que a gente possa, juntos, escola e família, conseguir atuar diante desses problemas complexos.

O que a gente precisa saber é que *cyberbullying*, linchamentos virtuais, situações que acontecem nas redes não são situações fáceis de resolver. Situações complexas exigem ações complexas, intervenções complexas para gente atuar. Às vezes, uma medida emergencial é necessária, uma atuação mais pontual é importante. Mas a gente precisa saber que, para formar nossos filhos para lidar com essas demandas de forma mais assertiva, é preciso tempo, formação de valores, formação ética, e esse trabalho a escola faz, o de formar o sujeito integralmente. Leva tempo para a gente formar um sujeito com ações mais respeitosas na internet.

Gostaria de dar para vocês algumas dicas para orientá-los para as situações que acontecem ali. A primeira dica é para que a gente fique atenta à idade mínima dos jogos e das redes sociais. Uma vez, uma mãe me perguntou: “Meu filho fez 13 anos, ele quer jogar, todo mundo tá jogando no computador. O que você acha desse jogo *GTA*? Meu filho vai se tornar mais violento se ele jogar?”. Do ponto de vista teórico, uma pessoa não se torna mais violenta com esse tipo de jogo, tendo que matar, roubar pessoas. A gente não

se torna violenta. **O problema do jogo violento é que a gente acaba banalizando situações de violência, naturalizando situações de violência.** Quando a gente está inserida em um ambiente que tem muito desrespeito, muita agressividade, muita violência, a gente acaba se tornando insensível. Então, devolvi a pergunta para ela: “Olha, nesse jogo, as pessoas precisam estuprar uma idosa para ganhar pontos. Você acha que seu filho tem condições cognitivas para lidar com isso? Tudo bem para você se ele tiver acesso a isso?”. Ela disse: “Nossa, mas é isso que acontece no jogo?”; “É isso que acontece no jogo.” A gente precisa saber minimamente o que acontece no jogo para tomar essa decisão.

Meu marido joga *Fifa* no Playstation. Não sei se tem idade mínima, mas ele joga em grupos e recentemente uma criança de 9 anos começou a jogar com eles. Ele não sabe de onde é a criança, são pessoas do Brasil todo que jogam com eles. Mas você consegue se comunicar com as pessoas que jogam por áudio. E a criança começou a falar com eles também. Só que nesse grupo eles começaram a falar coisas contraindicadas para uma criança de 9 anos: “Tô muito louco, hoje eu usei tal droga...”. São coisas que a gente não tem ideia; parece que meu filho tá jogando um joguinho de futebol. Mas, quando ele está com fone e eu não tenho acesso ao que ele está ouvindo, a gente corre o risco de deixar nossos filhos vulneráveis. Então, uma dica: estabeleça um momento em que esse jogo aconteça num lugar comum da casa, na televisão da casa. Enquanto você trabalha, está respondendo a algum email, você está atento ao que está acontecendo ali, você tem acesso àquele jogo. Sugira: “Jogue sem o fone de ouvido hoje, para a gente conversar, ouvir o que está acontecendo”. Não é enganar o filho: “Sou sua mãe, seu pai, seu responsável, gostaria de saber o que está acontecendo aqui, pra que a gente possa conversar”. Escolha um youtuber que ele gosta, que ele assista muito, ou

um desenho. Minha filha tem dois anos e gosta muito do Show da Luna. E quando coloco o *Show da Luna* para ela? Quando estou perto. Ainda que eu não veja todos os episódios, estou ouvindo. De repente, é uma montagem do *Show da Luna*, porque isso existe até no Youtube Kids: finge-se que é o *Show da Luna*, mas coloca-se um conteúdo pornográfico para adulto no meio.

Quanto menor a criança, mais a gente precisa estar atenta às situações que podem acontecer ali. Escolha um youtuber para seu filho assistir com vocês, não precisa ser todos os dias, conversem, abram esses espaços de diálogo na casa de vocês. Tenho certeza que todo mundo aqui pergunta para o filho: “Como é que foi sua aula, como foi seu dia, tem alguma coisa pra fazer?”. Incorpore nesse diálogo reflexões que vocês possam fazer sobre o uso das redes sociais.

Sabe aquele clássico que os pais usam: “Ah, mas você não é todo mundo”? Esse clássico é real. Nosso filho não é todo mundo, não importa se todo mundo tem o WhatsApp, se todo mundo está conversando, quem decide o que é melhor para os filhos são vocês, são vocês, os adultos da relação. Só que, se a gente escolher que vai dar o celular, a gente precisa assumir a responsabilidade de saber o que está acontecendo nesse celular. Não é dar o celular e achar que está tudo bem, que é só uma conversa de grupo de WhatsApp do 3º ano e está tudo certo, porque não está. A gente tem medo de frustrar nossos filhos. “Ah, mas só ele não vai ter o celular na sala, ele vai ser excluído.” É importante falar “não” aos filhos, é importante falar aos 6, aos 9 anos, para que, aos 15, 16 anos, eles possam se posicionar e entender que eles não são todo mundo. “Ah, todo mundo está usando cigarro eletrônico, mas eu não sou todo mundo”. Aos 18 anos: “Todos os meus amigos estão usando cocaína. Eu vou usar também, porque está todo mundo usan-

do”. Essa ideia de que somos o adulto da relação, que a gente que escolhe pelos nossos filhos é bem importante. Quem escolheu a escola para o filho de vocês? Porque vocês sabem quais são os valores importantes para a família de vocês, que comungam com os valores da escola. Então, essa máxima serve para outras coisas também.

Daniel Acho que nessa interface entre família e escola, nessa interface “você não é todo mundo”, colocar limites, tem situações que a gente vive, mais explicitamente no 6º ano, em que poucos alunos não têm celular, que eventualmente não circulam nas redes sociais, por esses canais, e tem uma grande maioria, que hoje a gente sabe, ou ao menos suspeitava, que é de 85 a 90%, que tem um smartphone só seu, alguns com controle, outros sem. Nessa dificuldade toda, algumas famílias falam: “Sustento o ‘não’ e dou o celular, ponho limite, regras, mas tem 90% dos colegas do meu filho que não”. Não seria o caso nessas horas de a escola determinar que não? Eu sei que às vezes não resolve, mas não vale a pena a gente esticar a proibição de usar e trazer o celular para a escola etc., até mais pra frente?

[Mãe] Minha filha fez 11 anos e ganhou o celular de aniversário. Ela vai para o 6º ano. E, aí, surgiu essa pergunta: “Mãe, como vai ser o ano que vem na escola?”. Vejo que isso está gerando uma angústia, sinto que, para ela, seria mais fácil se não pudesse. Ela não tem essa maturidade para lidar com o celular o dia inteiro, com os colegas.

Thais É um dilema, porque se a gente proíbe, a gente resolve o problema? Ou a gente vai colocar o problema para debaixo do tapete e eles vão fazer escondido? Vocês já foram crianças e adolescentes e sabem que vai ter um

que vai trazer o celular escondido e vai mostrar para todo mundo que não pode. Na minha opinião, proibir não é o melhor caminho, porque o celular veio para ficar. Mas limitar, fazer acordos e, mais do que isso, educar nossos filhos para que eles possam, sozinhos, saber se defender, saber lidar com tudo isso. Aconteceu uma situação recente com a minha sobrinha. Todos os estudantes do 6º ano estavam assistindo àquela série *Round 6*. É uma série inadequada para uma criança de 10, 11 anos. Os pais, então, colocaram esse limite de não assistir. Só que chegou o fim de semana, na casa de uma colega que não tinha essa regra, e ela assistiu e falou isso abertamente: “Está todo mundo assistindo, então, eu quero assistir também”. É preciso parar para refletir com essa criança, com esse adolescente, não só sobre a regra, mas sobre por que não pode, por que não se vai permitir que o filho acesse o conteúdo, ou passe tantas horas na rede social.

Celular, internet e rede social vieram para ficar. A gente vai precisar aceitar que vai precisar educar nessa área, para que a gente possa ter uma convivência mais respeitosa nesse ambiente.

Pai/Professor Tenho dúvida se a internet é um meio social e se a gente dá conta de fazer isso sozinho, ou se tem estratégias para fazer isso juntos, um grupo de pais, um grupo de mestres e até grupos de crianças. **Sou professor de Tecnologia e, no ano passado, fiz um levantamento. Cerca de 30% das crianças tinham acesso a uma rede social aberta, um terço delas com 8 anos. E, aqui, a gente tem, do 3º ao 9º ano, aulas específicas de segurança digital.** No caso do nível 2, a gente incentiva que eles criem uma consciência coletiva. Minha pergunta é se há algumas práticas que a gente possa fazer coletivamente, porque eu, contra o Google, não dá.

Thais É o que eu defendo até o fim, porque toda a minha pesquisa de doutorado foi nessa área. **A escola precisa de um currículo voltado para essas questões de convivência na internet, para que os alunos possam refletir desde pequeninhos, desde o 1º ano, ou antes.** A gente precisa, desde os pequeninhos até o Ensino Médio, desenvolver de forma curricular um trabalho intencional para formar e prevenir situações de violência, de comportamento agressivo, de crimes na internet. Toda a minha pesquisa de doutorado provou que, ao longo de dois anos, a gente conseguiu fazer ações, formar comportamentos que os adolescentes tinham na rede, a partir das propostas que a gente levou para eles estudarem. A proposta foi totalmente reflexiva. A gente sempre começava com levantamento de conhecimentos prévios. Eu levava um vídeo sobre pedofilia na internet. “Você já ouviu falar de pedofilia? Como será que os pedófilos têm acesso a conteúdos íntimos? Como será que funciona isso?” A partir dos levantamentos prévios, a gente trabalhava com a construção do conhecimento. A gente fazia uma pesquisa, por exemplo, de como os pedófilos conseguiam fazer uma criança mandar uma foto íntima. Sempre com perguntas reflexivas. “Você acha que o pedófilo chega ‘Oi, eu sou um pedófilo e gostaria de uma foto sua.’ Eles não vão fazer isso. Como eles vão fazer? Vamos ver um exemplo?”. Então, eu levava, por exemplo, uma matéria em que uma adolescente contava como ela foi convencida a mandar uma imagem íntima. “Ah, era uma pessoa que fingia que tinha a minha idade, falava coisas do meu interesse, fingia que era uma amiga, eu confiava nela. Demorou uns 4, 5 meses pra eu conseguir confiar nela”. Então, a gente ia estudando com eles. Trazendo, inclusive, dados científicos sobre aquele tema. No final, em todos os módulos com diferentes temáticas, a gente estabelecia acordos coletivos. “Como é que a gente pode fazer como coletivo para se proteger da pedofilia na internet? Quais as ações

e combinados que a gente pode fazer nesse grupo para que a gente possa desenvolver um autocuidado, pra gente se proteger, mas também proteger o colega que talvez esteja passando por isso e não sabe o que fazer?” É importante a gente saber que família e escola precisam caminhar juntas.

A escola tem a responsabilidade de educar para aquilo que é importante para essa geração. Minha pesquisa comprovou que é importante que a gente possa trabalhar na escola, de forma planejada, intencional, todo o conteúdo que a gente está trabalhando aqui. A parceria com a escola é essencial, senão a gente não vai sair desse buraco que estamos.

[Mãe] As famílias têm que ensinar, mas, para mim, o maior desafio aqui é quem ensina os pais? Vejo um desafio enorme. Os professores formam as crianças desde pequenas, fazendo oficinas lúdicas, pedagógicas, de temas importantes, mas os pais... O que mais me preocupa é como fazer, porque a escola tem esse desafio de ensinar as crianças, fazer oficinas. Então, quem ensina os pais?

Thais Não tem como a gente controlar os pais, não tem como.

[Mãe] Para mim, o grande desafio nesse relacionamento entre pais e escola é fazer com que os pais entrem nesse tema.

Thais **A gente tem visto que muitas escolas já trabalham esses temas com crianças e adolescentes ensinando os próprios pais. Então, talvez esse seja um caminho. Começar pela educação das crianças para que elas possam ensinar os adultos.** Como disse o professor aqui: “Eu aprendo todos os dias com

meus alunos”. Do mesmo jeito que nós temos o papel, como adultos, de limitar e atentar àquilo que não pode ser feito, comportamentos nocivos a gente também aprende muito com eles. Você tem toda a razão. Se, muitas vezes, adultos têm comportamentos vexatórios, desrespeitosos na internet, como é que a gente pode cobrar dos filhos? E como é que a gente investe nessa relação com as famílias? É por isso que a gente está aqui, é por isso que o Vera chamou a gente, para que a gente possa discutir com as famílias também.

Liana Você falou também que, quando a criança sofre *cyberbullying*, é para todo mundo parar, respirar, não reagir. Acompanhei de perto uma situação. Uma menina estava sendo incomodada por um menino que ela conheceu no prédio do primo. Foi visitar o prédio do primo e conheceu, trocou Instagram e o menino começou a perturbar mandando mensagem. “Ah, você é tão linda, você não fala comigo, você não me responde, eu faço comentários nas suas fotos...”, insistindo e piorando o linguajar. E o primo, que morava no prédio dele, foi tirar satisfação, só que pessoalmente, mas também pelo WhatsApp, e falou besteira para os pais do menino, porque ele é mais velho, o primo é mais velho que o menino que estava perturbando a menina. Os pais foram tirar satisfação com o outro e virou briga na justiça, tiveram que restringir o acesso do menino, mandar para o Conselho Tutelar. Mães e pais foram tirar satisfação por causa das brigas e, no final, virou um show de horror. A gente precisa saber como mediar conflitos dos filhos e respirar fundo. Impor limites: “Aqui não se fala disso, daquilo”. A gente precisa criar melhor as regras de convivência.

Thais Perfeito. Regras de convivência. Há escolas que já fazem isso. Convo-ca os pais para a reunião e são estabelecidas regras, não no sentido de falar

“Vamos pensar juntos em regras para que a gente possa conviver bem nesse espaço, para não expor as crianças”, porque isso acontece de forma muito frequente. Ou: “Quero alertar os pais do 1º ano do Médio que não deixem os filhos irem à festa, porque olhem o que aconteceu com esse menino, ficou bêbado”. E, aí, mandam a foto do menino e expõem o menor em uma situação de humilhação, de exposição muito grande. Isso vindo de um adulto é muito sério.

É preciso ter esses espaços, essa oportunidade que vocês estão tendo, e ampliar esse trabalho com outras famílias. Vocês devem ter contato com outras famílias que não estão aqui. Então, compartilhem esse conhecimento, convidem os pais para a próxima palestra para pensarem sobre isso, convidem os pais que participam do grupo de WhatsApp para estabelecerem esses acordos, pensarem juntos. Para que serve o grupo de WhatsApp de mães e de pais? Para que a gente vai usar essa ferramenta? A gente vai usar para ficar falando mal da escola? Se a gente está com problemas com a escola, quem a gente vai procurar? **Se eu for falar mal da professora do meu filho no WhatsApp das mães, vocês têm noção do que pode acontecer? Vira um linchamento virtual com aquela professora sem ter dados, sem nem falar com a escola sobre o que está acontecendo.** É preciso buscar quem é de direito, discutir sobre esse grupo de mães. “A gente vai compartilhar o que aqui? As dificuldades acadêmicas dos nossos filhos? Mas será que esse é o espaço ideal para isso? Não seria melhor procurar a escola pra gente fazer isso?”

[Mãe/Professora] A gente vê um trabalho muito importante que acontece nas salas, o trabalho dos professores, desde os menores. Mas eu tinha essa questão dos momentos de intervalo, porque, se a criança tem o controle parental, a família X permite uma coisa, mas não permite outra. Como a

escola pode — e, aí, pensando do lugar de escola — mediar essas situações? Porque, se não é para proibir, como a gente medeia essas situações no horário de intervalo? Em casa, a gente tenta seguir essa linha de fazer o melhor que pode neste mundo com o qual a gente está aprendendo a lidar, nesse mundo virtual. São muitas novidades, mas existe algum consenso? Do lugar de escola, como a gente pode fazer nesses momentos livres de intervalo, quando até então as crianças não traziam o celular para a escola? Porque, aí, a gente não tem controle.

Thais É uma resposta muito difícil, mas tem alguns caminhos. Acho que, primeiro, a gente precisa refletir sobre a idade. Como é que a gente vai decidir a idade em que o filho pode ter um celular? Não tem uma resposta. A gente sabe que as redes sociais exigem 13 anos. Como é esperado que, com 13 anos, a criança tenha um desenvolvimento cognitivo para lidar com algumas questões que acontecem na internet? Isso não é garantia de nada. Sempre faço perguntas para os pais, por exemplo: “Meu filho vai para o 6º ano, ele quer um celular, todo mundo vai ter...”. E eu pergunto a vocês: “Qual a necessidade da sua filha ter um celular aos 11 anos?”. É a primeira reflexão que a gente faz. Por que eu vou dar um celular a ela aos 11 anos? Quero que vocês se façam essa pergunta. Eu, como mãe, vou ter tempo, energia, conhecimento para sentar com a minha filha para tratar de algumas regras de uso, sobre quais momentos ela vai usar o celular em casa e na escola? São perguntas que podem disparar reflexões com os familiares.

Como escola, a gente tem muitas pesquisas na área de neurociência que vão indicar que o celular é um elemento que vicia facilmente, um elemento de distração. O aplicativo Mantenha o Foco serve até para que nós, adultos, o tenhamos em nosso celular e, quando quisermos trabalhar, focar em algo

que estamos fazendo. O celular é um elemento muito distrativo, a gente perde o foco muito facilmente. Na escola, muitas vezes restringir o uso ou afastar o celular das crianças e adolescentes é importante. Tem pesquisas que mostram que o fato de o celular estar ligado na minha bolsa já é uma distração, só por eu pensar nas respostas que vou ter que dar em todos os grupos de WhatsApp de que faço parte. Então, esse afastamento físico do celular é importante para a gente. Se nós, adultos, já temos que nos autorregular, imaginem as crianças e adolescentes! Estabelecer momentos em que a gente vai se afastar fisicamente do celular é importante. Na escola, por que não pensar em usar o celular uma vez na semana, tudo bem? **Mas por que não propor, no intervalo, outros projetos para envolver as crianças em novas propostas, atividades ao ar livre, brincadeiras mais direcionadas? Se a gente tem um problema na escola, onde os alunos ficam 30, 40 minutos no celular, a gente precisa de um plano de ação para lidar com esses momentos livres.** E quem vai resolver isso? O corpo docente da escola, refletindo, pensando em uma ação. Não é fácil. “Ah, esse grupo está usando, esse não está usando.” Refletir com as crianças e adolescentes da escola, levar propostas diferenciadas, talvez seja o caminho. Vai garantir que eles não fiquem jogando? Não vai. Mas a gente precisa dar oportunidade para que eles possam fazer outras atividades.

[Mãe] A oportunidade que a gente tem é de autoeducação, porque, partindo do pressuposto de que a gente é adulto, a gente tem maturidade cognitiva para lidar com uma série de coisas. Vejo isso como um processo de autoeducação dos adultos. Quanto tempo a gente fica grudada no celular? Estou me incluindo no processo, para ver o quanto nossa fala tem coerência. Porque, às vezes, a gente faz um discurso descolado da nossa própria

prática. Fico me perguntando como essa sua fala tão importante possa ser pauta da reunião bimestral da Escola. Quase beirando o autoritarismo, digo que este nosso encontro deveria ser obrigatório.

Thais Algumas escolas promovem encontros como este. Tem escola que pensa que não tem nada a ver com um conflito de pais no WhatsApp, por exemplo. Mas que pena que a gente não consiga atingir a todos, as famílias e educadores, mas isto aqui já é um começo. A gente já está formando os professores para isso. Tem escola que está trabalhando questões educacionais do universo online, tem escola que não, que acha que isso não é da escola. Sou professora convidada do Instituto Vera Cruz, na pós-graduação Relações Interpessoais na Escola, e ministro uma disciplina em que a gente discute essas questões com educadores que estão preocupados com as questões de convivência, e a gente incorpora a convivência online também. É um começo, mas a gente tem um longo percurso para percorrer.

Mais do que a gente ficar preso nessa questão da idade — “Será que é 11, com 6 ou 9 anos?” — a gente precisa pensar: “Tenho condições de acompanhar o que meus filhos vão fazer nas redes sociais?”. Escolhi dar o celular para ele com 11 anos, mas, em vez de eu focar em dar o celular, devo focar em como vou ensinar ele a usar essa ferramenta. Se eu vou dar com 6, preciso planejar algumas ações, como a autoridade da relação, para conseguir acompanhar minimamente o que uma criança de 6 anos faz no celular. Preciso entender que não posso dar o celular para o meu filho com 18 porque ele vai ter maturidade para usar, porque não é questão de idade. Mais que a idade, a gente tem que pensar como é que a gente vai educar essas crianças e adolescentes para saberem usar esse celular de uma maneira positiva. Esse não é um desafio fácil. Como escola, a gente vai pensar com a Direção, mas não é

simples, não tem uma resposta pronta. Mas será que sua filha de 11 anos vai conseguir lidar com todas essas demandas? Se você escolher dar o celular, quais são os acordos que você vai fazer com ela? Não é só sobre o tempo de uso, de acesso, a quem se vai recorrer para pedir ajuda se acontecer alguma situação. Esses acordos com nossos filhos são mais importantes do que a gente pensar: “Será que é com 11, 12 ou 13 anos?”. Se você dá o celular para sua filha de 11, e faz um Instagram para ela, onde a idade mínima é 13, você vai se responsabilizar, estar com ela quando acessar o Instagram?

Às vezes, é importante que meu filho tenha celular, porque um dia é o pai, outro dia é a mãe que vai buscar e precisam avisar. Isso é uma coisa. Mas dar o celular para uma criança de 10 anos ter acesso a jogos, Instagram etc. é uma coisa para se pensar. O que a gente tem indicado para crianças e adolescentes é priorizar a saúde, a alimentação e o horário de sono. **Observem se os filhos de vocês estão deixando de fazer outras atividades importantes do dia a dia para jogar no celular ou nas redes sociais.**

A gente nunca vai conseguir acompanhar tudo que essas crianças fazem no celular, no Teams, nos jogos, no YouTube. A gente precisa acompanhar as crianças mais novas, precisa investir na educação, ensinar os nossos filhos a usar a internet de maneira respeitosa na nossa ausência. Como é que a gente faz isso? Do mesmo jeito que a gente ensina outras coisas na vida. Não basta falar: “Filho, seja honesto com as outras pessoas”. A gente precisa vivenciar situações, refletir sobre a importância da honestidade em nossas ações. Não basta eu falar uma vez e achar que nosso filho vai ser honesto para sempre. Do mesmo jeito, a gente faz com outras questões na internet. Quando estabelecemos um diálogo, abrimos espaços para ouvir nossos filhos, e, muitas vezes, julgamos antes mesmo de uma criança terminar uma frase. Quando

um adolescente fala “Mãe, tem um *nude* circulando no grupo da sala”, e a gente diz “Como assim, *nude*? Como uma menina deixou isso acontecer? Que vagabunda!”, a gente julga, não está ouvindo, está atribuindo um valor àquilo que é uma demanda do nosso filho. Essa escuta atenta, empática, esses momentos de perguntas a meu filho para pensarmos juntos não é um questionário. São momentos em que a gente vai dialogar, pensar sobre situações que eles vivenciam. Faça perguntas para que ele possa se colocar: “Filho, hoje eu vi uma questão de pedofilia, o que pode acontecer quando a gente fala com uma pessoa que a gente não conhece?”; “Como é que a gente sabe que aquela pessoa está falando a verdade ou que ela é aquela pessoa que está se apresentando mesmo que a gente nunca viu?”; “Filho, recebi do WhatsApp de mães um meme de uma mãe que não estava no grupo. Será que a gente pode considerar isso uma brincadeira? Será que isso tem consequência para essa mãe, ainda que ela nem saiba que a foto dela está circulando?”; “Será que tem consequência eu ficar divulgando uma pessoa em situação vexatória, ridicularizando alguém?”. **Fazer boas perguntas é fazer com que nossos filhos reflitam sobre essas situações** e demonstrar interesse pela vida deles, pelo que eles gostam, admiram. O que será que eles estão valorizando quando seguem uma pessoa que está muito preocupada com a beleza, com a forma física? Isso também é indicativo dos valores importantes para nosso filho. O que será que ele está buscando? O que está consumindo? Tem muitos casos circulando na internet de crianças que estão reproduzindo desafios propostos por tiktokers. Escrever com uma caneta que imita sangue que vai matar todo mundo no banheiro, por exemplo. Levar laxante para a escola e colocar no suco das pessoas e fazerem elas beberem. Esfregar a comida no chão e comer. Quando a gente vai investigar, isso vem de onde? Dos youtubers, dos tiktokers que nossas crianças e adolescentes consomem.

Tenho uma dica que é muito valiosa. Quando nosso filho é pequeno, a gente conta historinhas para ele dormir; conforme ele vai crescendo, essas historinhas vão sendo deixadas de lado; e, principalmente, na adolescência, nosso filho não quer nem ver a gente na hora de dormir. Quer ficar no celular. Tenho uma colega que estabeleceu com as filhas adolescentes que, nesses momentos da história, elas teriam um momento de conversa, que podia acontecer todos os dias, sempre explorando algo que elas viam na internet que chamou atenção, para que conversassem sobre isso. Então, é uma dica que mostra a importância da gente estabelecer esses momentos de diálogo qualificado com os nossos filhos. Não precisa ser todos os dias, sempre, mas a gente precisa ter a iniciativa de incorporar esses temas nas nossas conversas com os nossos filhos, não só em casa, mas na escola também.

Gostaria de finalizar enfatizando a importância da gente orientar os nossos filhos para eles se protegerem, entenderem que não são só com amigos, pessoas de bem, com quem eles convivem na internet, muitas pessoas com intenções ruins frequentam aquele espaço. É importante ter consciência disso. A gente só vai conseguir enfrentar esses desafios de forma segura, respeitosa e consciente, se a gente puder formar as nossas crianças, adolescentes e a nós mesmos para as demandas dessa geração, neste momento em que a convivência online é tão frequente. E isso é função das duas instituições educativas mais importantes da vida das pessoas: família e escola. Estamos juntos nessa difícil tarefa que é educar nos dias de hoje.

23 de agosto de 2023

Menos eletrônicos, mais conversa, curiosidade e brincadeiras!

Efeitos estruturantes na infância

Julieta Jerusalinsky é psicóloga (UFRGS, 1993); especialista em Estimulación Temprana (F.E.P.I.-Argentina, 2000); mestra (2003) e doutora (2009) em Psicologia Clínica pela PUC-SP; membro do departamento de psicanálise da criança do Instituto Sedes Sapientiae e da Clínica Prof. Dr. Mauro Spinelli SP e fundadora do Instituto Travessias da Infância e da Rede-Bebê. É professora de cursos de especialização e autora de *Quando algo não vai bem com o bebê: detecções e intervenções estruturantes em estimulação precoce* (2020), com Maribel Melo, dentre outros livros.

Julieta A questão das intoxicações eletrônicas é um assunto que aparece na clínica há pelo menos 10, 12 anos, e tem a ver justamente com as primeiras gerações que foram chegando ao consultório. Eram os primeiros pequeninos, pelo ano de 2011, que nasceram quando a internet sem fio se popularizou, quando todos começamos a andar com aparelhos sem fio. Muito diferente de quando o acesso à internet era através de uma CPU que tínhamos no escritório ou na nossa casa. De lá para cá, a gente viveu uma transformação muito grande no modo de sustentarmos as relações. E, justamente, quando a gente tem o privilégio de ser clínica com a infância, de trabalhar com os menores, é muito interessante, porque as crianças sempre vão nos mostrando para onde se encaminha a cultura. Como no conto “A roupa do rei”, elas são as primeiras a revelarem que o rei está nu. E elas vêm mostrando o que vem acontecendo subjetivamente com a virtualidade, de uma maneira muito radical, quando se trata da primeira e da primeiríssima infância, porque, justamente, quanto menor se é, menos estruturado se está, portanto, menos defendido e muito mais exposto ao sintoma social. A gente adora pensar que protege as crianças, e, de fato, a gente faz tudo o que pode para protegê-las, mas elas estão muito atentas ao que se passa.

Meus filhos passaram pelo Vera no Ensino Fundamental e, agora, estão na faculdade. Lá pelo final dos anos 1970 e início dos anos 1980, houve uma grande revolução na educação da qual esta Escola faz parte. Qual foi essa revolução? Todas as consequências piagetianas para a aprendizagem que tiraram uma criança da condição disciplinar na qual o que ela fazia era certo ou errado. **O grande mérito de Piaget foi revelar que, por trás dos aparentes erros que as crianças produzem, há hipóteses. E isso fez com que, então, a educação passasse a considerar a criança como um sujeito epistêmico ativo.**

Naquele momento, meu pai, que é psicanalista e também trabalha muito com a infância, esteve aqui a convite da Escola.

Na minha casa, quando eu era criança, tinha um quadro de um macaco. Se não me engano, era um chimpanzé, e nele estava escrito: “Quando eu aprendi todas as respostas da vida, mudaram todas as perguntas”. É mais ou menos assim que todos nós estamos neste momento, diante do que vemos avançar pela comunicação digital e pela forma virtual de sustentar os laços, que certamente se catalisou radicalmente durante a pandemia. Precisamos construir saídas juntos, aprendendo com as gerações dos mais jovens, mas também contando um pouco com o que sabemos.

Mais ou menos em 1914, Freud escreve *Introdução ao narcisismo*. Em 1916, temos esse quadro de Eliseu Visconti chamado *Carrinho de criança*. O lugar da infância ao longo da história não foi sempre igual. Mas, certamente, o lugar da infância na modernidade, um bebezinho na modernidade é a esperança para todos nós — a família ou a cultura — de que essa nova geração venha triunfar onde fracassamos. Sempre olhamos um bebezinho com a promessa de que ele possa ir mais adiante do que nós; ele, que não está sujeito, nos dizia Freud, às mazelas, às doenças, às frustrações e às limitações que nós mesmos vivemos pelo simples fato de termos nos tornado adultos.

Mas temos que nos perguntar qual é o lugar da criança na hipermodernidade. Muitos de vocês devem se lembrar de uma série de fotos que era muito famosa nos anos 1990, os bebês da Anne Geddes na abóbora ou que nasciam dos repolhos, dos regadores, bebês que dão a ilusão de serem autofundantes. A gente não conseguia deixar de se enternecer com essas imagens: “Nossa, que amor, tão mais limpinho do que nascer entre fezes, sangue e urina!”. Porém, quem já tentou tirar uma foto de um bebê sabe como é difícil capturar



Carrinho de criança, 1916, de Eliseu Visconti

esse pequeno instante em que o bebê está plácido, sem ter feito cocô, xixi, regurgitado, sem estar chorando. Como se um bebê fosse sozinho potência. Como se ele sozinho nascesse como um autômato pré-programado, pronto para se desenvolver. Não. Temos que ter muito cuidado com isso, porque muitas pesquisas seríssimas sobre o que é esse tempo da infância nos mostram que não nascemos prontos e que nenhuma outra espécie, tanto quanto o humano, aprende. **E aprendemos muito porque, quando nascemos, sabe-**



O bebê na abóbora, 1997, de Anne Geddes

mos muito pouco. Os outros animais sabem muito mais do que nós quando nascem acerca do que lhes convém, porque eles têm instinto. Nós não. Se há algum resto instintivo em nós, ele é absolutamente suficiente para nos guiar no mundo. Precisamos dos outros radicalmente. Não só para cuidarem de nós porque somos imaturos e não sabemos ir até aquilo que queremos. Precisamos do outro para nos estruturarmos. Por isso, é tão importante pensar esse movimento entre gerações. O que nós temos para transmitir às gerações seguintes? Evidentemente, sempre temos, em relação à transmissão entre gerações, uma posição ambivalente, porque devemos a nossos familiares aos

nossos professores, a pessoas adultas, que cuidaram de nós e nos tornaram quem somos.

Mas a gente também pensa que, talvez, se não fossem eles, a gente não teria as neuroses que tem. Então, certamente, a relação que cada um de nós tem com a educação que recebeu é ambivalente. E, quando a gente se torna pai ou mãe, faz um esforço danado para pensar no que a gente quer ou não transmitir, nas nossas intenções. Depois, na prática, a gente se descobre transmitindo justamente o que não queria, para além de nossas boas intenções. Nossa transmissão não é uma consequência da nossa boa vontade — não que a boa vontade seja de se jogar fora. Nosso esforço conta, mas não decide por nós. Então, por que a gente quer dizer algo para as futuras gerações? Porque a gente gostaria que as futuras gerações não se ralassem nos mesmos pontos que a gente se ralou. E digo “ralar” de propósito porque a gente vai construindo um saber-fazer na vida que a gente paga com nosso corpo. Então, tentamos advertir a geração seguinte para que não faça as mesmas bobagens que nós. Porém a geração seguinte precisa escutar. Uma criança que não escuta é uma criança que destitui o saber da geração anterior, mas uma criança que é demasiadamente obediente também nos preocupa. Porque, em algum ponto, é preciso que a geração seguinte ponha à prova o que escutou. Não em tudo, mas, em algum ponto, a gente tem que pôr à prova o que a geração anterior nos disse. Piaget e psicanálise vão se cruzando.

Piaget que nos ensina que há certas regularidades lógicas na aprendizagem, que os erros que as crianças produzem têm uma certa sequência estrutural, mas ninguém aprende sem que deseje saber, sem que tenha curiosidade. E o desejo de saber faz com que, então, as crianças às vezes precisem inventar

alguma estripulia. Uma vez, eu fui para uma casa na praia e tinha um pé de pimenta. Eu nunca tinha visto um pé de pimenta, aquela pimenta de-do-de-moça. E meus pais me alertaram para não botar de jeito algum isso na boca. Por quê? Porque isso queima. Como assim queima se não é fogo? Pronto. Queima. Acreditem que queima.

Claro, na primeira sesta dos adultos, lá fui eu, mordi a pimenta. E o que você faz com isso? É o momento em que o saber volta para o outro totalmente: “Eu te disse”. Essa é a hora em que os adultos têm que ter a sabedoria de não revelar, não desmascarar o esforço que uma criança está fazendo por sustentar seu lugar com um mínimo de orgulho, apesar de toda a ardência. Então, esse movimento entre gerações é muito importante.

Também há um outro aspecto. Mesmo que a gente pudesse dizer para a geração seguinte tudo que a gente sabe, mesmo que a geração seguinte escutasse tudo... um pouco na lógica do que acontece com o super-homem de 1978. Nos momentos iniciais, o planeta Krypton explode. E colocam na nave do super-homem um cristal que detém todo o saber de sua civilização de origem. O pequeno super-homem vaga pelo espaço com os espectros virtuais de todos os sábios que lhe transmitem um saber. A estética desse filme pode parecer muito démodée, porque o pessoal está vestido de prateado e com permanente no cabelo, mas a ilusão da transmissão pela tela do cristal líquido só aumentou. Então, cuidado, porque um bebê não é um autômato pré-programado, e o saber não está pronto.

O que temos na internet pode até ser conhecimento, muitos dos quais de origens duvidosas, mas a produção de um saber na vida se faz no laço com os outros. Este é o primeiro ponto importante para considerarmos. O segundo ponto é que o saber sempre exige que paguemos um pouquinho com

o nosso corpo, porque, por mais que pudéssemos botar tudo num cristal, nós temos um problema: o saber da geração anterior nunca recobre, vamos dizer assim, a encrenca que a geração seguinte tem que atravessar porque muda o cenário social no qual a próxima geração tem que viver. Então, a cultura interroga esse sujeito desde outro lugar.

Por isso é tão legítimo quando as crianças nos dizem que não sabem o que é ser criança durante a pandemia, ou, uma que eu escutei muito dos meus pacientes e dos meus filhos, que não sabem o que é ser adolescente durante a pandemia. E é verdade, eu não sei, nem vocês, nenhum de nós sabe. Esse é um saber que só essa geração pode construir e produzir. É uma narrativa que só essa geração vai poder produzir. Mas, eu, por exemplo, não vivi a adolescência na pandemia. Mas, quando chegou a minha vez de ser adolescente, tinha aids. Eu vivi outra pandemia. Responde à questão dessa pandemia? Não. Quando cheguei lá, na minha vez de me divertir, “acabaram-se os anos 1970”, não tem mais nada disso, agora tudo é ameaçador, mortífero, cuidado.

Então, há viradas. O que a gente faz com os celulares e as crianças? Esse é o nosso principal problema na contemporaneidade. Em que lugar a gente põe as crianças? Em que lugar a gente põe o celular? Quanto tempo e onde e de que maneira a gente pode combinar isso sem produzir um enorme dano? Essa é a nossa questão contemporânea.

Mas a infância não foi sempre igual. Vocês têm aqui um quadro do Bruegel chamado Os jogos, em que as pessoas viviam na rua, na calçada. A diferença adulto-criança não estava estabelecida. A criança era considerada um adulto pequeno, que tinha que vingar e que ia crescer. Se tratava mais de uma questão de crescimento. Uma criança iria crescer, a não ser que, por causa



Jogos infantis, 1560, de Pieter Bruegel, o Velho

de feitiçaria, permanecesse anã. Mas entre um anão e uma criança a diferença não era muito clara. Tanto é que as proporções corporais da forma de representar a infância eram semelhantes às de um adulto pequeno.

Hoje em dia, temos outra visão. Infância é crescimento, maturação, desenvolvimento, estruturação psíquica, e esses não são sinônimos. A visão do que é uma criança se transforma ao longo do tempo. Não estamos idealizando o passado. O passado é o que nos trouxe aqui. Então, se queremos algo melhor, vamos ter que elaborar o que nos coube viver para tentar ir para um lugar melhor. Mas, olhando esse quadro, nós, minimamente, podemos calcular

que ganhamos muitas coisas. Mas é importante pensar que também perdemos algumas coisas. Perdemos essa possibilidade de rituais lúdicos coletivos. Perdemos a possibilidade da rua como um espaço público de troca.

Temos uma vida contemporânea muito individualista, profundamente isolada, profundamente performática, na qual vamos substituindo o que há de público na cidadania por uma rede social, seja lá qual for. Também temos que pensar se as diferentes gerações não vão escolher diferentes plataformas, porque, dependendo da situação, pode ser muito constrangedor ter um *like* da vovozinha no mesmo lugar em que nós nos encontramos com os amigos. Então, alguns ainda usam o Facebook, outros o Instagram. Para os mais jovens, tudo isso é coisa de velho. Estamos vivendo uma contingência, longe daquilo que tantas vezes se exalta, em que se produz uma espécie de brilho acerca de como a tecnologia nos ajuda a viver, porque uma inovação tecnológica sempre vem com a promessa de que vai resolver nossos problemas. É verdade. E também cria outros que não tínhamos.

Essa é a questão que nos toca. Não vou exaltar as benesses da tecnologia. Ninguém quer voltar atrás. Como é bom apertar um botão e ter acesso a um texto que a gente poderia demorar anos para ter acesso. Isso é uma das coisas maravilhosas e de jeito nenhum quero voltar atrás. Mas também temos que pensar, como nos diz Giorgio Agamben, nas obscuridades do nosso tempo. Ou seja, não só ali onde está a luz que nos fascina, mas também onde se produz um custo psíquico do que nos coube viver.

Uma cena muito frequente na contemporaneidade. A gente vê em todos os lugares, pegando o avião, numa rodoviária, num restaurante, uma criança que se retira, olhando para o tablet. Todos esses *gadgets* são uma maneira de aplacar as demandas de uma criança, evitar que ela circule pelo espaço.



Também temos que pensar que espaço é esse e qual é a tolerância coletiva com as crianças. Quando uma criança circula no espaço, ela desacomoda. Ela interroga. “Não pode mexer na tomada”; “Cuidado, que isso cai”; “Não, a batata frita não é sua, é da mesa do lado”. Ou seja, quando uma criança circula pelo espaço, ela vai se encontrando com limites reais de perigo, mas também com limites simbólicos do que pode e do que não pode. Em segundo lugar, a gente sabe que, na atualidade, tem se fabricado muito menos brinquedos do que se fabricava anos atrás, porque as formas de brincar se tornaram virtuais. As pessoas vivem em espaços muito pequenos, criança é tralha, criança é acordar de madrugada e pisar no Lego; desse jeito, tudo fica limpinho e arrumadinho. A gente vai se encontrando com crianças que estão tão distantes da possibilidade de brincar com elementos desestrutur-

dos, a água, a areia, a terra, que, para fazer uma meleca, precisa ir comprar coisas na farmácia e na papelaria. Precisa comprar água boricada, espuma de barbear, cola e bicarbonato para fazer um slime. Ou seja, a gente precisa comprar materiais de limpeza e de papelaria para fabricar uma meleca, algo que não venha pronto.

E o home-office é uma grande armadilha, porque é uma maneira de a gente estar não estando. O que fazer com as crianças nesse tempo? A captura dos eletrônicos, nesse ponto, aumentou muitíssimo. E não adiantava pedir para as escolas manterem as crianças ocupadas quatro horas por dia, porque, na infância, a aprendizagem, sobretudo para os menores, passa pelo corpo. Ficamos todos como na capa do disco dos Secos & Molhados, com as cabeças flutuantes. E os professores e as crianças perderam o contexto para poderem aprender. Porque a aprendizagem acontece assim: surge uma borboleta, uma lagarta, a frutinha na árvore, e tudo isso dá lugar a uma série de questões movidas pelo que acontece no espaço compartilhado. E nós perdemos o contexto, essa possibilidade de aprender com o semelhante, porque aprender não é só prestar atenção no que o professor diz, é também ver que estratégia o colega faz diante daquilo que o professor disse, que desacomoda minha própria hipótese. Essa é uma situação que se agravou muito durante a pandemia.

Queria chamar atenção para o que Freud, lá pelos anos 1900, fala da psicopatologia da vida cotidiana, do que nos acontece. Por exemplo, ele fala dos sonhos, dos chistes, dos atos falhos, ou seja, certas formações que aparecem no nosso dia a dia e que nos desacomodam. Hoje em dia, tenho falado de uma psicopatologia da vida digital cotidiana. É bem importante localizar os efeitos disso na gente, para que a gente pense no que acontece com as crianças. Por exemplo, as funções de autocompletar.

A gente quer mandar um texto para o outro e sai outra coisa que não é um ato falho, porque não é um erro que a gente cometeu, mas que se revelou no inconsciente da gente. Sai qualquer coisa. Não é nem um ato falho, nem nossa intenção. E você fica tentando correr atrás de dizer o que a função de autocompletar não lhe deixa dizer. **Os corretores de digitação deliram por si, corrigindo os atos falhos. As funções de autocompletar são um oráculo. Eles sabem pelo algoritmo, antes de nós, o que gostaríamos. O problema é que, quando se fecha uma significação, muitas vezes dizemos: “Talvez seja isso que eu queria saber”. Mas se fecha algo que poderia ser um enigma.**

Um tempo atrás, às quatro da manhã, quando a gente tem essas perguntas que assaltam o ser, coloquei na internet: “Meu filho é...”. A função de autocompletar colocou agitado, nervoso, hiperativo. Depois coloquei: “Meu filho tem autismo leve”. Ou seja, das funções de autocompletar do Google, das questões mais simplórias, com as quais um pai ou uma mãe podem iniciar uma interrogação, duas levavam para a doença. Por quê? O que está acontecendo numa época em que a gente, diante dos enigmas da vida, não deixa que as perguntas possam ir colocando um enigma e que a gente possa dizer “Não sei”, “Estou pensando”? Hoje em dia, visualizou, respondeu. Não há tempo para pensar. A máquina, o tempo maquínico se impõe e nos expropria do tempo necessário para compreender.

Preciso pensar, porque o que eu responder para o outro vai ter consequências na vida dessa pessoa, na relação, no meu próprio lugar em relação a essa pessoa. Não é rapidinho que a gente decide as significações do viver.

Mas, na atualidade, o Google é o oráculo que fecha nossos enigmas. E é uma pena, porque, quando a gente abre lugar para um enigma, se dá o direito de construir alguma resposta. Se, no lugar disso, somos todos afunilados

para uma sobredeterminação algorítmica que decide as significações do viver por nós, nossa vida se empobrece. Mas a cultura também se empobrece. Porque, em vez de várias invenções para um problema, vamos ter uma grande solução para vários problemas. É isso que está acontecendo. Vários problemas são capturados como se tivessem um nome só.

Podem me perguntar quantas horas por dia uma criança de cada idade pode ficar com o celular na mão. Não sei. Que criança? Onde? Quando? Por quê? Tem as tabelas de pediatria que informam isso. Mas, por exemplo, nessas tabelas se diz coisas que uma criança de 10 anos pode ficar, digamos, duas horas por dia no celular. Podemos conferir depois. Que duas horas são essas? Quantas famílias convivem mais do que duas horas por dia quando pai e mãe trabalham?

Uma das coisas que tem acontecido na contemporaneidade é que, como a gente se sente muito expropriada de um saber e como o tempo que a gente leva para criar uma resposta para um enigma nos faz sentir, quando a gente formulou uma resposta, uma obsolescência programada, já não vale mais para nada o que a gente respondeu. Alguém em outro lugar já pensou muito mais rápido, muito melhor, já respondeu, foi além, e a gente ainda está lá tentando juntar as palavras. Produz-se um efeito de que parece que o tempo que a gente leva para elaborar faz com que a gente fique muito lento perto da potência da máquina. Então, a gente deixa pra lá.

A gente vai deixando para lá e vai sendo extirpada da possibilidade de elaborar nossas respostas. Lamento, porque se eu tivesse, eu daria. As receitas de doces são milimétricas. Uma colher a mais ou a menos de açúcar, meia a mais de manteiga, ou a temperatura dela, estraga uma receita. Se cai um pouquinho de gema na clara, pode esquecer. É milimétrico. Posso compar-

tilhar algumas receitas. Mas a melhor resposta que eu posso dar para vocês é uma pergunta.

Quantas horas de celular por dia e onde? A melhor chance que a gente tem de acertar circunstancialmente em uma resposta é se perguntar no lugar do que esse celular vai entrar. Essa é a pergunta a se fazer. Vai entrar no lugar de evitar que, assim que a criança andou dez minutos no carro, pergunte “Falta muito?”? Mau lugar. Porque a gente pode olhar a janela e conversar sobre a paisagem, ver o que nos cerca, se lembrar de coisas, evocar. Na minha memória de infância, me lembro de viagens enormes, quando a gente cantava, conversava, perguntava sobre o que nunca dava tempo no dia a dia. Porque, quando você tem que ficar com outras pessoas 18 horas num carro, dá tempo de brigar, de fazer amizade, de tudo. De dormir, de ver as estrelas. Então, se está no lugar disso, mau lugar. Se está no lugar de que uma criança pequena circule pelo espaço, mau lugar. Se está no lugar de contar uma história para uma criança, mau lugar. Se está no lugar de brincar com os amigos no recreio, mau lugar.

Desde o advento da internet sem fio, teve algo brutal que a gente perdeu. Antes, a gente fechava o consultório, a lojinha, sei lá o quê, o escritório na sexta-feira, e voltava segunda de manhã. Agora a gente leva o trabalho o tempo inteiro para onde quer que a gente vá. E todos os pais estão mais advertidos da importância de brincar, então chegam em casa, pegam uma caixa desesperada de quebra-cabeça, e a criança está lá nos esperando, e se senta para brincar com o quebra-cabeça com o celular do lado. E as crianças não são tolas, elas veem que o adulto está e não está. E quantos de nós fomos vivendo e vivemos cotidianamente a situação de, de repente, olhar algo e buscar o olhar do outro?

Porque a gente queria encontrar no olhar do outro o testemunho do que a gente acabou de viver, mas o outro está olhando para outro lugar. Seu olhar está escoando pela janela digital e não está disponível para construir junto com a gente as significações do que nos coube viver ou testemunhar. Isso é assim com os adultos. O deixa-*pra-lá*. Com os cônjuges acontece muitas vezes isso, não é? Agora, a gente pode deixar *pra lá* e se ressentir e discutir, mas, mais ou menos, a gente tem uma estrutura de quem a gente é. Coisa que não se tem quando se é criança. A gente chega em casa e diz “Vamos jantar”; “Vamos”; “Opa, parou. É que surgiu um problema aqui. Rapidinho.”. O rapidinho é meia hora. Meia hora que o outro já comeu, a comida esfriou, o jantar azedou. A gente é carregada pelo excesso da enxurrada digital. Isso nos leva embora. E depois de meia hora, o que é pior? A gente pega o celular de novo e, quando desliga, diz “O que era mesmo o que eu ia responder?”.

A gente perde o fio. Nós, adultos, estruturados, com escolhas, com sequências. É importante a gente pensar o que acontece com a infância. Algum tempo atrás, essa imagem estava num muro da Avenida Doutor Arnaldo, que separa a Faculdade de Medicina do cemitério. Essa imagem nos revela o que é a compulsividade. Porque a gente acha que, estando online, estamos muito vívidos. Só que é um excesso que nos mortifica, porque nos tira o tempo necessário para a elaboração.

A gente não está mais onde está, e a gente também não tem tempo. Porque a gente pega aquilo, marca com estrelinha, vai responder depois, não tem *pin* suficiente para marcar tudo que a gente não respondeu no WhatsApp. A gente está sempre atrasada em relação ao que precisa responder. Como é que fica a subjetividade fora do tempo e fora do espaço? **Freud nos diz algo**



muito lindo: é o fio do desejo que alinhava passado, presente e futuro. E o que acontece quando a gente é carregada pela enxurrada digital e perde esse fio? Quando a gente nem sabe o que a gente foi fazer, porque a gente foi carregada e levada embora? E isso é muito mais radical quando se está na infância.

Em 2011, 2012, comecei a receber no consultório criancinhas que sabiam ícones, mas não conversavam. Muitas vezes, não brincavam. Muitas vezes, repetiam fragmentos de joguinhos eletrônicos. Eu, claro, a primeira vez que peguei num smartphone, perguntei onde estavam as instruções. O que é ridículo, porque não tem instruções. Você vai navegando numa lógica *on-off*, é uma lógica binária. E a gente ficou impressionadíssima que crianças de dois anos, com tanta velocidade, soubessem reconhecer íco-

nes. É bom, crianças que sabem qual é o ícone da Netflix, do YouTube, que inteligentes que elas são, sem dúvida. As crianças com muita velocidade reconhecem o que importa. A questão não são elas, é o que e como a gente oferece para elas. Porque, alguns anos atrás, as crianças gostavam de pegar o quê? A chave do carro. A chave do carro era um objeto muito importante, porque os adultos viviam dizendo: “Onde está a chave do carro?”; “O controle remoto da TV?”. O controle remoto é uma espécie de cetro da família. As crianças queriam ter o controle remoto. Elas olham o que a gente olha. Por isso é que temos que pensar que lugar esses objetos têm para nós. O que acontece é que as crianças nos mostram, de primeira mão, para onde a cultura vai.

Então, que lugar isso tem para nós? Nós é que precisamos fazer a objeção e deixar o celular de lado, vamos guardar, vamos comer juntos, sem olhar para a tela. Isso é uma objeção que a gente precisa fazer, antes de fazer isso com uma criança. Porque dizer não para uma criança, pelo lugar de autoridade... Mas qual é a fonte da nossa autoridade? Que a gente manda? Ou que a gente diz não para aquilo, ou sim para aquilo que a gente sabe o que é certo? As crianças não são bobas. Elas aprendem uma parte pelo que a gente diz e outra grande parte por identificação. Então, não adianta dizer uma coisa e fazer outra.

Como se faz para ficar com uma criança sentada em uma mesa de restaurante? Dobradura de guardanapo, que a gente às vezes esquece e pede ajuda para os outros, brincadeiras com palitinhos, jogo da velha com giz de cera, se é uma mesa de papel. Vamos evocando algumas coisas que, se não fossem os mais jovens, ficariam adormecidas em nós. E, ao desligar o celular, se abre um lugar para o tédio profundo, principal temor da contemporanei-

dade. Ninguém suporta não ter o que fazer. Se uma criança diz que não tem o que fazer, pronto, desespero.

Por que desespero? Que horror é esse? Porque esses aparelhos bem que poderiam se chamar maquininhas de preencher tudo. Elas preenchem tudo. Não sobra tempo para nada. Elas são para tudo. Elas têm potência para tudo. Elas concentram tudo. Elas mandam no nosso tempo. Decidem em que lugar estamos. Elas são umas máquinas de recheiar que impedem que tenhamos qualquer tempo. E deveríamos dizer para uma criança “Que bom que você não tem nada para fazer”. Porque também se vende um monte de porcaria com a ideia de que isso tornaria a criança mais inteligente. E, claro, em tempos da inteligência artificial, seria bom que não nos esquecêssemos da estupidez artificial que ela pode carregar junto. Quando nós não sabemos por que abrimos o celular, quando nós dizemos qualquer bobagem que não era o que nós queríamos dizer. Quando o Google decide por nós a significação do nosso viver. Quando nós começamos a receber propaganda pelo algoritmo.

A gente pensa que está navegando com liberdade pela internet, mas a gente deixa um rastro que está a serviço de vender objetos, diante dos quais se impõe para nós uma pergunta que não era a nossa pergunta: comprar ou não comprar? Depois aparecem algumas caixas na nossa casa, e a gente já nem sabe mais o que comprou. Ou seja, essa condição de compulsividade digital, da compra pelo digital. “O que será que eu comprei?” Bom, vejam aqui como vai se produzindo a ilusão de que a criança não só fica quieta, mas ela está muito inteligente, inclusive ela está falando inglês. Está dizendo os nomes das figuras geométricas em inglês, está dizendo as cores em inglês. Impressionante.

Ela sabe ícones? Fala inglês? Eu só fui aprender isso com 30 anos. Nossa, 30 anos na frente. E, ao fazer isso, a gente se esquece de que a lógica é binária, on-off. Brincar e conversar são muito mais complexos, porque quando a gente brinca e fala, há, pelo menos, por baixo, três entroncamentos. Um, a polissemia da linguagem. Quer dizer, eu posso dizer uma palavra, mas o que uma palavra quer dizer, o outro entende outra coisa. A mesma palavra pode querer dizer coisas diferentes. Há os equívocos do sujeito. Pode ser engraçado, pode ser constrangedor, mas, cada vez que eu falo, minha sobredeterminação inconsciente vai tentando atropelar a minha intenção, e eu posso acabar dizendo outra coisa.

E tem o mal-entendido da alteridade. **O que o outro entende do que eu digo cai na cadeia simbólica do outro. Então, conversar e brincar com o outro é muito complexo.** Porque, quando eu aperto um botãozinho no celular, a brincadeira começa. E comecei a receber crianças que tinham alguma pequena dificuldade, brigavam muito, ou sei lá o quê, e, na hora de brincar, elas diziam: “Vamos brincar? Vamos”. Pegavam um brinquedo e me diziam: “Vai”. E, aí, eu comecei a ficar um pouco preocupada, se estava ficando meio distraída, porque às vezes acontece, e as crianças são muito perspicazes em qualquer mínima desatenção da gente. Vai. Vai aonde? Vai o quê? Vai. Como se a brincadeira começasse, simplesmente porque se aperta um botão. E diziam: “Não, mas se nós vamos brincar, preciso saber quem eu sou, quem você é, onde a gente estava, para onde a gente ia”. Uma criança que fica num lugar de reproduzir uma cena sem construir uma história. Porque brincar é produzir uma cena, mas ela precisa de uma ficção, de um alinhavo, de uma história, preciso dizer para o outro o que eu imaginei e o outro precisa me dizer o que ele imaginou.

A brincadeira precisa de um fio. Brincar não é fazer qualquer coisa. Brincar é alinhar. Vale qualquer recurso ficcional. Pode ser um feitiço, mas tem que ter algum recurso ficcional, porque, senão, é que nem uma série ruim dessas que a gente desiste de ver, porque inventam tanta coisa que tudo foi para qualquer lugar. **Brincar de faz de conta é tecer com um fio, o fio do desejo, tecer a possibilidade de se lançar num certo ideal. A criança, quando brinca, inventa respostas para o outro, para seu outro escolar, familiar, social.** Por isso brinquei muito de cientista que inventava a vacina para todas as doenças e coisas do gênero. Ou seja, as crianças, quando brincam, elaboram. E elaboram diferentes saídas.

Quando se tem que brincar com o outro, ainda tem que contar para o outro o que a gente imaginou e a confluência entre essas brincadeiras, porque a gente tem que tecer isso junto. Eu digo algo para o outro e, a partir de agora, sou verde e tenho antenas. Até que eu diga o contrário, vou ser vista dessa maneira, continuo sendo um marciano. Então, vejam como, da minha palavra, se arma uma imagem. E alguém me diz algo, e a gente faz esse movimento de entrar nas coxias e no palco para combinar brincadeira. Aí, me contam algo imaginado, e eu tenho que transformar a palavra em imagem e, depois, em cena. E, depois, a gente pode desenhar. E, depois, a gente pode transformar esse desenho em um livro de histórias. E, depois, desse livro de histórias, a gente pode moldar bonequinhos. E, com esses bonequinhos, a gente pode fazer um teatro. E, depois, eu posso escrever.

Cada vez que eu faço isso, o que acontece? Uma transposição de registro. Do vivido ao imaginado, do imaginado ao encenado, do encenado ao escrito, do escrito ao desenhado, do desenhado ao esculpido, do esculpido ao tea-

trinho de bonecos de novo. E, cada vez que alguém encena, brinca, escreve, faz uma transposição de registro. Isso é muito complexo.

Transpor registro é transformar a palavra num sentido e numa imagem. Cada vez que a gente arma essa transposição de registro, a gente elabora. Agora, se aperto um botão e corro num trilho, comendo moedinhas, porque essa é a ilusão que eu tenho com determinado joguinho, está dado quem eu sou, o que tenho que fazer. E, ainda por cima, se perco, o que faço? Reseto. E começo de novo. Não tenho que negociar com o ganhar e com o perder.

Claro que há jogos e jogos, há plataformas muito mais criativas do que outras. Mas, mesmo nas muito criativas, o cenário está dado. **A gente tem que pensar que é o brincar que faz o brinquedo. Quando o brinquedo determina a ação, menos brecha ele deixa para a criança. Porque o brinquedo é um apoio para a fantasia, diz Freud.** Como a criança não pode simplesmente ficar devaneando na janela, porque a maneira que ela tem de circular pela linguagem não é a mesma de um adulto, ela apoia sua fantasia em objetos concretos. E arma cenas com os objetos. Quanto mais pronto o brinquedo está, menos chance esse brinquedo dá para essa criança. E a gente vai se encontrando com uma infância muito capturada pela indústria do entretenimento. E vai tendo o entretenimento no lugar do brincar. A gente lida com uma criança que tem uma relação mediada pelos monitores.

Porque é difícil lidar com a circulação da criança no espaço público, pois os pais estão trabalhando uma quantidade de tempo brutal e, muitas vezes, o tempo de casa é um tempo de esgotamento. Esse é um problema muito sério que a gente vive, porque ficam os restos para as crianças, os restos e as telas.

Diante disso, por que a gente tira o lugar de rituais cotidianos importantíssimos? **Por que tantas vezes se deixa a criança com o celular enquanto se prepara o jantar, por exemplo? É tão bom poder cozinhar junto, é tão bom poder conversar enquanto a gente cozinha, provar se o tempero ficou bom... Por que, se tem que lavar roupa, tem que deixar a criança com o celular e lavar roupa sozinho? A gente pode ter conversas maravilhosas pendurando roupa.** Por que a gente tira o valor dos atos cotidianos, esvaziando-os, como se eles fossem tarefas e retirando o lúdico que pode permear as circunstâncias das tarefas da nossa vida para que elas não fiquem esvaziadas? Isso é brincar também. Não é pegar um treco qualquer que veio dentro de uma caixa e seguir instruções. Não é preciso que seja dessa maneira. A gente pode extrair essa possibilidade de conversar e ter um valor lúdico no fazer do cotidiano. Não dizer para uma criança: “Me ajuda aí. Pega aí três pratos, três guardanapos, põe na mesa, garfo na esquerda, faca na direita”. Tudo isso é contagem, é classificação, é armar a possibilidade de sequências lógicas de ação.

Todas essas situações do cotidiano são muito potentes de aprendizagem, de curiosidade, de invenção, de chiste e de piada, em que uma coisa pode se transformar em outra. O pote que se põe na mesa vira chapéu, e a gente vai autorizando uma criança quando ela brinca, não quando simplesmente segue instruções, e isso é central para uma criança pequena. Quando ela pega uma cumbuca enquanto a gente cozinha e batuca e usa de chapéu, estamos autorizando uma criança a transformar o mundo com seu desejo. Isso vai fazer muita diferença quando ela chegar à adolescência e tiver que ir para o mundo. Sentir que não dá. O mundo não é a nossa imagem e semelhança dos nossos sonhos. A gente tem que ir para o mundo, não simplesmente submetido, mas com a sensação de que a gente pode transformá-lo. E quando uma criança, desde pequena, é autorizada a isso, faz diferença. Não estou

querendo dizer que alguém vai ter o carimbo plunct-plact-zum à prova das encrencas da vida, porque ninguém tem.

Uma criança que brincou, que foi autorizada a transformar o mundo em vez de seguir instruções do entretenimento, é uma criança que vai para o mundo com mais recursos. Então, não se pode tirar a potência do brincar, a potência da curiosidade da criança, porque nessa compressão temporal em que a gente vive, com tempos comprimidos e tomando comprimidos, que é a vida cotidiana das pessoas, não há tempo para conversar. Então, precisa ser no espelho retrovisor do carro. **“Como foi hoje o dia na escola?”** **Uma vez uma paciente respondeu para a mãe: “Não respondo esse tipo de perguntinha idiota”.** **Claro, porque, às vezes, se quer conversar com uma criança como se a gente estivesse em uma mesa de multinacional: “Qual é a pauta de hoje?”**. E não é assim que as boas conversas acontecem. Conversar exige estar. As melhores conversas acontecem quando a gente está ali, olhando para o mar, e, aí, a criança vem. E, aí, vem uma pergunta. E, ali, se arma uma questão.

Muitas vezes, as crianças chegam ao consultório e dizem que não querem fazer nada hoje, que estão cansadas. “Está bom, vamos fazer nada. Quer se sentar aqui para não fazer nada? Vou aproveitar que a gente não está fazendo nada e vou fazer um chá para mim”; “Um chá?”; “Sim”. E a gente toma um chá. Enquanto a gente faz o chá das cinco vêm as melhores conversas. Por que se armou esse horror diante do vazio? Em que momento está proibido? Tem que produzir, não há lugar para não fazer nada. E, aí, a gente atropela esse lugar do tédio, imprescindível, para que algo novo possa surgir. A gente não pode atropelar a condição desse vazio diante do qual pode surgir uma invenção.

Por isso, para a gente ter um tempo para conversa, queria contar uma que aconteceu este final de semana. Eu estava em um restaurante com música ao vivo. Fui dar um curso em Imperatriz, no Maranhão. Tinha uma criança de mais ou menos 3 anos e meio e uma de um pouquinho menos, de 2. A menininha foi dançar. Estava fazendo uma dança ali enquanto tocava o violão. E o irmãozinho foi junto, de carona. Quando o músico parava, o pequenininho dizia “Alexa, Alexa...”. Interessante, não é? Trata-se de como é que a gente produz invenções. E se, talvez, a gente ousar perguntar, em vez de seguir instruções, e se a gente se permitir não preencher todos os tempos e todos os espaços, aterrorizados por um certo vazio, talvez coisas novas possam surgir. Talvez o nosso medo, seja o nosso medo como adultos, diante de um certo vazio que esteja obturando o espaço que as crianças precisam para poder inventar.

Para finalizar: Uma vez, um tempo atrás, eu estava na casa de praia com algumas crianças e faltou luz, coisa muito frequente. Bom, e agora? Vamos para a varanda ver os raios. Vamos acender velas. Quantas coisas interessantes a gente pode fazer quando falta luz. Foram quatro horas sem luz. Aí, começaram a contar histórias de terror, umas para as outras. E uma das histórias de terror era um lugar muito afastado, muito distante, longe de tudo. Não tinha nem internet.

Kellen Eu tenho três crianças, duas de 10 e uma de 6. Acho que estamos percorrendo um bom caminho com relações eletrônicas. Meu mais velho veio me pedir há uns seis meses para jogar Roblox, porque ele era o único da turma que não jogava. Foi difícil. A gente conversou muito tempo, foi ver juntos, e a gente acabou liberando um pouco nesse sentido do pertencimento, porque ele estava bastante deslocado e já tinha uma questão de difi-

culdade de relacionamento com os pares. A gente achou que era importante conversar com a psicóloga. Foram muitas idas e vindas. Então, sempre me pego nesse lugar do equilíbrio: o quanto a gente tenta ter hábitos mais saudáveis de relacionamento, de estar fazendo coisas juntos, mas, ao mesmo tempo, também permite que eles possam fazer parte do meio social em que eles estão inseridos.

Julieta Perfeitamente. Compartilho com sua reflexão, porque não tem instrução. Quando um paciente chega, por exemplo, está na sala de espera e jogando um joguinho e a mãe diz “Agora terminou porque a doutora Julieta chegou”. “Não!”, eu digo, “Não. Escuta, não faça isso comigo nem com a criança”. Eu me sento do lado e digo: “Me conta o que você está jogando, o que é, posso jogar, me ensina?”. Alguns, de fato, se interessam vendo que eu me interesso pelo que eles se interessam.

Uma criança veio e me disse: “Quero desenhar um unicórnio, põe aí no celular para eu ver”. “Como assim? Se você quer desenhar um unicórnio, deve ter uma ideia de unicórnio na sua cabeça. Como é um unicórnio? É mais parecido com um cavalo com um chifre só ou mais parecido com uma cabra com um chifre só? Eu tenho um cavalo aqui nos meus brinquedos, vamos olhar para esse cavalo?” Vamos tentar, primeiro, transformar a imagem mental em desenho. E saiu um unicórnio superlegal. E não porque era com perspectiva. Ela fez três bolas assim e disse: “Olha, aqui o unicórnio”. “Cadê o unicórnio aqui? Eu não estou vendo o unicórnio aqui. Cadê o chifre?”; “É como se o unicórnio fosse um unicórnio meio gordinho deitado”. Bom, é o desenho que ela pôde fazer, mas é um unicórnio, porque tem um chifre. Eu adorei esse unicórnio. Provavelmente, se a gente tivesse colocado o celular, isso de imitar o desenho ia impedir a possibilidade de que ela inventasse o unicórnio dela.

O ponto é esse? Estão todos os meus amigos falando de um jogo, e eu sou a única que não? Não? Vamos ver. Ou seja, eu quero saber o que é isso, porque isso é fazer parte do laço social. Uma criança veio ao consultório, com 6 anos, e me disse: “O que você acha da Barbie? Do filme da Barbie, hein? Você viu?” Não, não vi. “Mas a minha tia disse que é muito irado, mas que não é para criança.” “E a sua mãe?” “Ela nem sabe desse assunto.” “Sua mãe brincava de Barbie?” “Não sei.” “Vamos perguntar isso para ela.” Depois, no final da sessão, na sala de espera, perguntamos se ela brincava de Barbie. “Não, eu não gostava muito de Barbie”, não sei o quê.

Eu queria ver *Barbie*, mas falaram que não é para criança. É adequado ou não é adequado? É uma pergunta meio delicada. Depende. Acho que tem coisas interessantes, tem várias camadas, certamente coisas para conversar. Mas é uma decisão da família, não sou eu que vou dar as instruções disso.

Agora, eu fico as férias inteiras no meu quarto e não vou para a praia jogando Roblox — é uma coisa. Quero saber do que se trata para falar com os meus amigos e ter como compartilhar — é outra. Não se trata sempre de interditar tudo. A gente tem que se interrogar por que a criança está nos pedindo isso. Porque, se não, muitas vezes, se produz uma erotização à inversa. Se proíbe tanto que aquilo é a grande coisa. Às vezes, é bom ver junto, falar junto, ver do que se trata, mas não é só isso. Faz atravessar esse interesse, em vez de ficar travado nisso como se toda a questão fosse essa.

[Mãe] Outra coisa que a gente acaba fazendo na educação do filho é preencher o tempo dele, e já que não é com o tablet, já que não é com o celular, vamos colocar em aula de esporte, de música. Vamos encher o tempo todo para que ele tenha o mínimo possível com o digital. Como é que você vê essa

questão? Me parece que também, de certa maneira, entra na mesma lógica do não suportar vazio algum.

Julieta Recebo crianças que me contam que têm uma agenda enlouquecida. “Hoje eu fiz aula de balé, fiz aula de música.” “Ah, é? Que música você está aprendendo a tocar com o seu instrumento?” “Deixa para lá. Não quero nem falar.” Sabe essa posição de alguém esgotado e não desejante e desejoso?

E essa ideia também de que é um mundo competitivo. Tem que hiperequipar os rebentos para que eles triunfem no futuro. São crianças que fazem inglês porque é importante, e fazem aula particular de Kumon porque é importante. “Eu vou fazer Kumon.” Eu: “Você está escolhendo fazer Kumon? Sério? Não acredito. Por quê?”. “Porque eu quero ser superboa em matemática, então eu quero treinar muito.” Bom, durou dois meses. “Não dá, é muito...” Então, vamos pensar o que de legal você quer fazer com seu tempo. Essa ideia de que é para fazer melhor, mais rápido, numa lógica de uma sociedade competitiva em que não se sabe onde está amarrado o prazer de alguém, o que tem que priorizar, e que pode ser importantíssimo brincar, sonhar, ler histórias, inventar, estar com o outro, porque nós vamos tendo isso: pais que trabalham muito, afastamento das famílias extensas.

Houve, durante muito tempo, uma geração em que os pais trabalhavam muito, mas os avós não. Se aposentavam mais cedo. Agora, os avós também são adolescentes, estão cuidando da própria vida. E os pais estão muito ocupados, trabalhando muito. O vizinho, Deus me livre, todo mundo tem uma relação paranoica com o vizinho hoje em dia. O vizinho é um potencial assassino, no mínimo.

A gente encontra não só crianças sós, mas pais sós e mães que ficam quatro meses sozinhas de licença-maternidade. É fácil a gente dizer que é feio amamentar olhando para o celular. Mas tem alguma comadre para conversar com essa mulher? Então, essa condição de solidão que a gente vive, performativa, em que também a gente fica vendo como todo mundo é maravilhoso na internet, postando o tempo inteiro, vai produzindo uma corrosão. E como a gente cuida coletivamente? Como a gente conta com o outro? Porque a importância, por exemplo, de uma criança conviver não só com os pais, mas conviver com tios, avós, amigos, é se ajudar entre pais. A importância é, na infância, ir para a casa de um amigo e ver como são as coisas na casa do amigo. A gente volta contente com algumas coisas e achando péssimo outras.

[Mãe] Julieta, eu estava fazendo uma relação entre a perda dessa vida comunitária e esse vínculo com a própria ancestralidade, e a necessidade de uma coisa bem nova, que, na minha época de mãe, não existia, que são os *coaches*. Hoje em dia existem muitos profissionais que fazem *coach* do sono, da chupeta, da fralda, da mamadeira, de procurar escola, enfim. Eu queria que você falasse um pouco disso. Você fala, no seu livro também e no Café Filosófico, do que é ser criança hoje. Acho que é uma reflexão superimportante para a gente, porque vai se produzindo uma ideia de infância em que se fala, por exemplo, de transtorno alimentar, transtorno do sono, transtorno do controle esfinteriano.

Quando começa a se falar assim, parece que haveria uma relação natural com a comida, natural com o sono, natural com o cocô, e que algo nesse ser está transtornado. E, então, é preciso ter instruções para que se ponha isso no seu devido lugar.

Julieta A comida, o cocô, o sono, a meleca do nariz, a respiração, sabem qual é o valor deles? O valor que têm na relação com o outro. Não temos uma relação direta com o objeto que nasce pronto. Vou dar um exemplo. Esses dias, no consultório, os pais de um pequenininho se separaram. Ele está agora nisso de dormir na caminha dele, porque ele ia muito para a cama dos pais. Ele acorda de noite e diz: “Não vai embora, mamãe, não vai embora”. E, aí, a mãe vai lá e diz: “Não vou embora, estou aqui com você, eu estou aqui no quarto do lado”. “Uma casa da mamãe, uma casa do papai, uma casa da vovó, outra casa do vovô, uma casa, duas casas, quatro casas, dez casas, cem casas, não vai embora, mamãe”. E a mãe disse: “Olha só, não são cem casas, não são dez casas. Tem a casa da mamãe e tem a casa do papai, que são duas. E depois tem a casa dos seus avós. São só essas.” Ele voltou a dormir. Dormiu a noite inteira e a seguinte.

O que nos permite dormir? É uma pergunta importante. **A gente só consegue dormir quando a gente tem alguma ideia de que as coisas vão seguir mais ou menos iguais no dia seguinte. Senão, a gente não dorme.** Nós também não. Para uma criança, a continuidade é muito mais difícil, porque ela está menos alinhavada. O mundo é mais imprevisível para ela. E se ela está angustiada, e esse menininho estava ali elaborando uma angústia, o sono se perturba. Por que ele voltou a dormir? Porque o ritmo circadiano da higiene do sono dele estava limpinho? Ou porque o outro disse para ele algo que lhe permitiu dizer que não iria se esfacelar em cem casas? Entendi. Está me dando trabalho, mas são duas casas.

A comida é outro assunto. Porque, claro, sabemos da importância da comida e, cada vez mais, o que comer e o que não comer, como comer. Mas o problema é quando começamos a oferecer para a criança um prato cheio de

nutrientes. Eu não gosto de comer nutrientes. Eu gosto de comer comida gostosa. Isso é tão anônimo quanto comer “mequinhecas” quaisquer.

Ou seja, o que é bom? Como é que compartilhamos isso com uma criança? Numa identificação. Senão, ficamos olhando muito para a pirâmide alimentar, mas não nos sentamos juntos à mesa para compartilhar o prazer de uma comida gostosa. E, aí, a coisa tem valor. Não adianta comer um prato cheio de brócolis olhando para a Galinha Pintadinha. Porque, senão, alguém não tem a menor ideia do que está colocando para dentro do corpo, não sente o sabor, não registra.

Estamos no tempo das rotinas. Mas a gente esvazia os rituais simbólicos que fazem esses objetos terem valor, que dão sentido para o nosso fazer. Porque, bom, arroz e feijão são nutritivos, mas, além disso, é a comida que a vovó fazia e que é tudo isso. Eu era uma criança, claro, e tinha uma avó italiana e uma judia. Imaginem, eu podia pedir qualquer coisa que as minhas vontades eram feitas. Eu morava na Argentina quando era pequena, não eram feijão e arroz, era, digamos, bife com purê. Me deem qualquer coisa, menos bife com purê, naquele tempo. Eu comia alcachofra, palmito, abobrinhas gratinadas, que a minha avó fazia.

E minha mãe, no desespero, me dizia de noite, às vezes: “Olha, o que você quer comer?”; “Ovo frito”; “Ah, olha só, um ovo de duas gemas.” E eu me sentia superespecial. Sempre era uma mágica na minha vida, sempre aparecia um ovo de duas gemas. Passa o tempo, e a minha filha, que era chata para comer, no sentido inverso, gostava de poucas coisas, e eu disse: “Quer ovo frito?”. Na hora que vou fazer ovo frito, com 35 anos, veio aquela cena. De uma ou de duas gemas. E, aí, eu ri e me dei conta. Eu levei 40 anos para me dar conta disso, 35 anos para me dar conta de que minha mãe devia fa-

zer dois ovos. Eu levei esse tempo. Em vez de repetir, contei a história para meus filhos. E cada vez que a gente vai fazer ovo frito, o pedido é: “Eu vou querer um ovo de duas gemas”.

Então, como esse alimento, esse sono, esse cocô, esse xixi, essa meleca, circulam na relação com o outro? Que valor eles têm? A gente tem que se perguntar. Porque vivemos em tempos em que também se educam as crianças por prêmios e por castigos. Alguns, certamente, até o Natal, não podem mais tocar no videogame. Ou se não fizerem xixi nas calças por cinco dias, ganharão cinco estrelinhas, a bonequinha X. Depois, essas crianças dizem aos pais: “Eu só vou fazer tal coisa se você me der tal outra”. Os pais dizem que são chantagistas. Eu digo que não, que são inteligentes. Aprenderam direitinho, que o que importa é o objeto. Porque, se esse é o lugar miserável dos adultos, serem os que privam ou entregam objetos, é um lugar miserável. Sabem o que faz a gente não fazer mais xixi nas calças? Se orgulhar de ser grande.

A ideia é que trocar a rotina, em vez dos rituais que esvaziam o valor simbólico dos objetos na cultura e na troca com o outro, por um manual de instruções, não nos leva muito longe. A criança que para de fazer xixi nas calças porque ganhou cinco estrelinhas, na primeira encrenca da vida, vai fazer nas calças. É certeza.

[Mãe] Tenho dois filhos, um de 6 e um de 8. Estou vivendo essa fase do de 8 anos, nessa entrada no coletivo. Há vários aspectos disso, mas um que me chama atenção, até por eu ser da área de tecnologia, é a questão do controle parental. Esse aparelho aqui é aquele que a criança baba e só fala. Aqui também é o CD, não tem mais CD em casa, e se ele quer ouvir música, a gente

tem que pegar o Spotify na televisão. O filme também está aí. Então, é uma confusão isso tudo. Um pouco dessa discussão é que a maioria dos pais não tem capacidade para manejar os aparelhos. Eu tenho, por eu ser da tecnologia, mas a maioria das pessoas não é. E vejo o desespero das pessoas. “Meu filho de 9 anos quer usar o Spotify”; “Libero para ele um celular, ele quer ir para a escola, quer me telefonar, porque ele vai se perder”; “Vou dar um aparelho para ele”. Como é que a gente, de repente, coletivamente, consegue criar uma rede para instalar esses controles e separar todo esse monte de coisa que está dentro desse único aparelho, tudo misturado, desde o TikTok até...

Julieta Na cultura do medo, a gente vai tendo a sensação de que, se uma criança está dentro de casa, está protegida, e que a rua é um lugar muito perigoso. Mas um celular é uma janela sem filtro. Esse é um grande dilema na vida contemporânea. Não é que a *deep web* não exista, mas, muitas vezes, são mais boatarias do que fatos. O que acontece é que são horas que os pais se dão conta de que eles não sabem quem está produzindo uma transmissão para seus filhos, uma transmissão não mediada **O ponto é que ver uma coisa junta permite a gente conversar sobre aquilo. Quando cada um está em uma tela, a gente não tem como conversar sobre aquilo que chega a uma criança. E é uma transmissão direta.**

Então, tem toda essa questão dos filtros e do poder de um aparelho e como usá-los. Porque vão aparecendo formações de *bullying*, coisas de uma verdadeira inexperiência, porque uma coisa é uma fofoca dita de um para o outro, outra coisa é isso publicado na internet e a dificuldade que é para uma criança medir a potência de tudo isso. Ao mesmo tempo, a gente também se pergunta como, quando e até onde.

E, aí, vem também toda essa questão da sociedade do medo, e adolescentes com localizador no celular, porque avisam para os pais “Estou na casa do fulano, vou chegar mais tarde”, mas como o controle assume o lugar da confiança na palavra? Então, não tenho a resposta plena para isso, mas estou querendo dizer que são coisas que a gente tem que pensar. Ao mesmo tempo, quantas vezes a gente vai se encontrando com crianças que, na curiosidade sexual, por exemplo, vão parar em pornografia? E a pornografia não é algo que ajuda na investigação de uma criança, produz um impacto, porque é um exibicionismo, não fala do que acontece na intimidade, paralisa uma criança na sua investigação. O excesso de imagem impede a pergunta e a elaboração, por exemplo.

São todas questões muito delicadas, nas quais a gente tem que pensar: em que momento, em que idade, até onde sim, até onde não. A importância de dizer para um adolescente, por exemplo, “Olha, se você desliga o celular, fica sem bateria e não me diz onde você está, eu não durmo. Então, não quero ter que pôr um rastreador que não passe pela sua palavra”. É uma conversa de responsabilidade recíproca com o outro.

Sim, me parece que é preciso pôr filtros. E a gente tem que pensar em como fazer para que a tecnologia do controle não acabe ocupando o lugar de algo que a gente tem que elaborar simbolicamente pela confiança no outro.

[Mãe] Em que medida a gente, como adultos, cuidadores, educadores, também consegue estabelecer uma relação com a tecnologia que passa pelo reconhecimento de que ela faz parte da vida, da nossa vida, das novas gerações, que prepará-los para esse uso também passa por permitir a experiência com isso — incluindo nisso tudo letramento digital, experiência

social etc.? De forma alguma esvaziando todas as questões que você coloca, acho que elas são fundamentais, porque nos interrogam sobre os nossos próprios estilos de vida e me vi em muitos exemplos. Mas também tenho me perguntado sobre isso: o quanto reconhecer a tecnologia como parte da vida é importante no sentido de a gente poder estar junta nesse processo de crescimento?

Julieta Espero que tenha ficado claro não arranco o celular da mão de ninguém. Se está com o celular na sala de espera, vou me sentar ao lado e vou me interessar pelo que interessa o outro. Isso é crucial. Não se trata de demonizar nada. São novas linguagens que estão aí e que as crianças precisam saber, inclusive para poderem se posicionar na relação com o outro. Mas não podemos achar que isso é só luz. A gente também tem que ver as sombras e pensar como as soluções para nossos problemas vieram com outros problemas, que a gente tem que cuidar. É isso que me parece importante, para que não se esvazie a ideia de que ter uma pergunta é ruim, que a gente já deveria ter a resposta. A gente tem que construir a partir das nossas perguntas. O saber não é desencarnado.

Lembram quando, no passado, alguém atendia o telefone e se dizia assim “De onde fala?”. Essa é a pergunta que a gente deveria fazer para Alexa. “Alexa, de onde você fala?” Como é que Alexa pode ter um saber se ela carece de um corpo que o subjetive? E Alexa uma vez escutou e disse: “Não tenho resposta para a sua pergunta”. Mas é uma pergunta importante para a gente diferenciar entre o que é um conhecimento anônimo e quando alguém para e conta uma história para uma criança, para que a gente não esvazie essa condição do que é a construção de um saber-fazer na vida, que não é a mesma coisa de uma resposta pronta da internet.

A tecnologia está aí, a gente pode se casar com uma máquina, pode ter um amante que nos responda o que a gente quer pelo GPT-3, a gente pode... E isso certamente vai transformar as maneiras que a gente tem de se relacionar. Porque lidar com outro é uma encrenca, o outro não responde o que a gente quer. Mas, justamente por isso, talvez a gente possa chegar a um lugar mais interessante.



Cidadania *digital* no Vera

DIÁLOGOS PARA A CONSTRUÇÃO DE
UMA COMUNIDADE ESCOLAR ÉTICA,
RESPONSÁVEL E CRIATIVA COM O USO
DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS



VERACRUZ

DIREÇÃO

Heitor Fecarotta
Diretor geral

Marcelo Chulam
Diretor de gestão

Regina Scarpa
Diretora pedagógica

COORDENAÇÃO

Fabiana Meirelles
Educação Infantil

Juliana de Paula Costa
**Educação Infantil/Ensino
Fundamental – nível 1**

Débora Rana
Ensino Fundamental – nível 2

Daniel Helene
Ensino Fundamental – nível 3

Ana Bergamin
Ensino Médio

Rita Botter
Inglês

Clélia Cortez
Vera Integral

Andréa Luize
Instituto Vera Cruz

ASSESSORIA DE TECNOLOGIA
EDUCACIONAL

Ana Paula Gaspar



Claudia Cavalcanti
Edição

Iara Arakaki
Revisão

Juliana Lopes
Projeto gráfico e editoração

São Paulo, fevereiro de 2024

Catálogo: Alexandre Cardoso Leite / CRB8-7007

Cidadania digital no Vera: diálogos para a construção de uma comunidade escolar ética, responsável e criativa com o uso das tecnologias digitais / editado por Claudia Cavalcanti – São Paulo : Escola Vera Cruz Edições, 2024.

124 p. : il.

ISBN:

1. Educação em valores 2. Tecnologias digitais na educação I. Cavalcanti, Claudia

CDD - 370.114

1. Educação em valores - 370.114

2. Tecnologias digitais na educação - 371.334



VERACRUZ